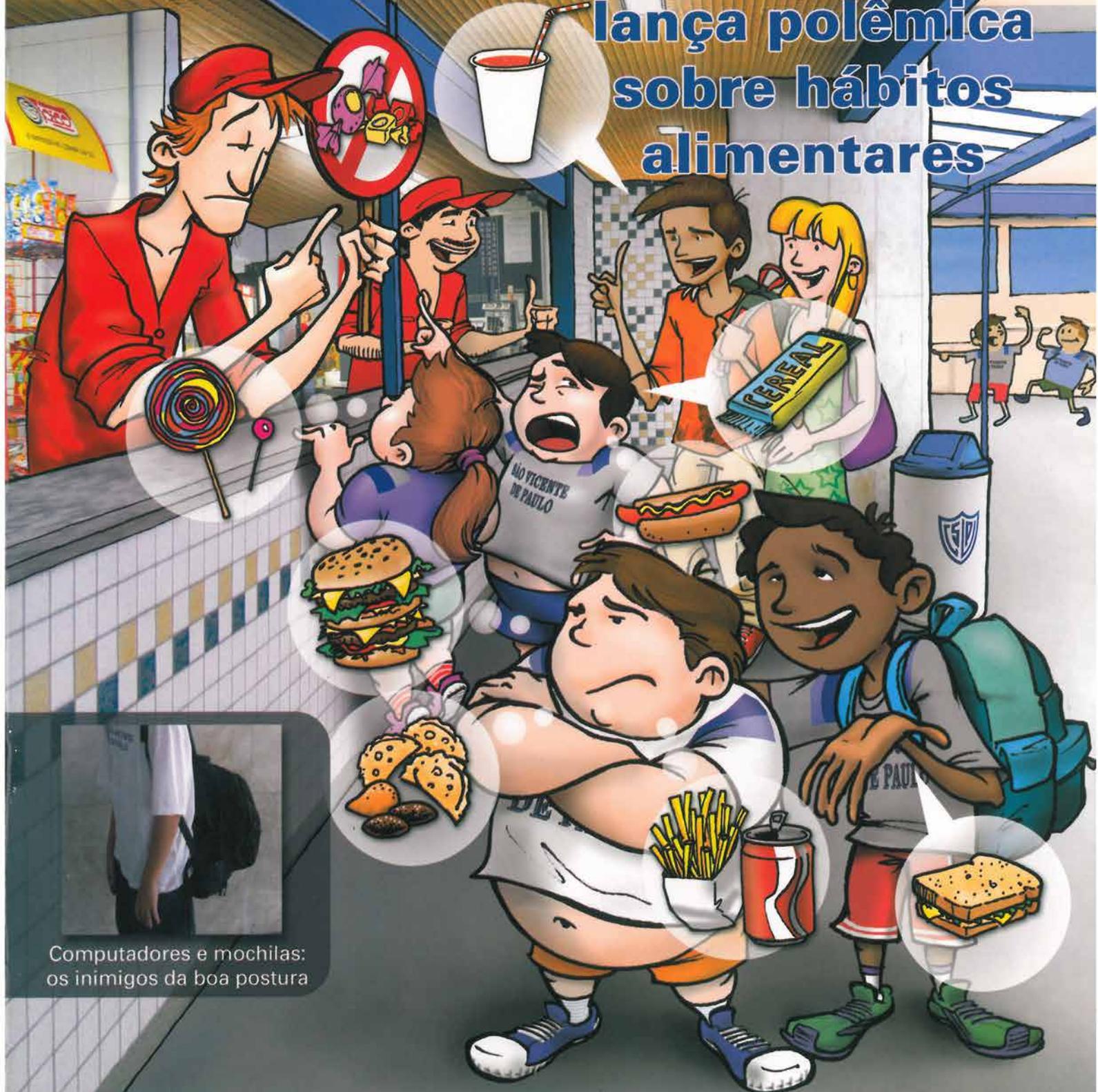


a chama

**"Lei da cantina"
lança polêmica
sobre hábitos
alimentares**



Computadores e mochilas:
os inimigos da boa postura

VIOLÊNCIA E
JUVENTUDE



CANTINA SAUDÁVEL



PESO NAS COSTAS



LINGUAGEM DAS ÁGUAS



45 ANOS DO CSVP



PATRIMÔNIO VICENTINO
DA HUMANIDADE



FORA DA SALA DE AULA



DE OLHO NO FUTURO



EXPEDIENTE

a chama

Revista editada pela APM
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXX – Nº 68
junho/2004

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2556 0796 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e diretoria da APM
Coordenação Editorial: Marco Vinícius Bittencourt e João Afonso de M. Teixeira
Reportagens, redação, edição e revisão: Ana Beatriz de Noronha (anabe@uol.com.br), Cátia Guimarães (catiaguimaraes@globo.com) e Rodrigo Cerqueira (rch@infolink.com.br)
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Programação visual, ilustrações e capas: Iuri Lioi (iurilioi@yahoo.com.br)
Colaboração (fotos): Gilberto de Carvalho e Antônio Moraes (Serviço Audiovisual / CSVP) e Pe. Lauro Palú

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune
Vice-Presidentes: Marco Vinícius e Rosária Bittencourt
Relações Públicas: João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira
Tesoureiros: Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei
Secretários: Geraldo Guimarães e Cristiana Andrade Mello
Representantes dos Professores: Cristina C. Vellaco e Gerson Vellaco Junior

SUMÁRIO

DEUS nos reúne, nos fala, nos santifica e nos envia”, e em seu nome devemos repetir este ciclo. Foi desta forma, na missa de Páscoa do CSVP, que percebemos a contemporaneidade desses 2000 anos.

A atual diretoria da APM teve, nos últimos três anos, a possibilidade de agir buscando um vigoroso estreitamento dos laços entre Pais e Alunos, Dirigentes e Funcionários do CSVP; parceria que rendeu bons frutos, num processo de ouvir e aprender, de crescer junto daqueles que trouxemos para esta Escola.

Para nossos Filhos, “transformação social” é uma expressão que só será entendida no decorrer dos anos; ao mesmo tempo, na inocência de suas idades, é mais fácil ser “feliz e bom”.

Para nós, os Pais, a transformação que nos permitirá o resgate da felicidade é urgência concreta. Levar essa proposta além dos muros do CSVP é necessidade que cresce com a mesma velocidade da violência e da degradação ambiental que nos atingem em segmentos tão variados em extensão e importância, desde o familiar até o mundial.

O Colégio, inclusive através da APM, nos abre as portas desta Escola; nos chama e inclui no processo, com um convite a abandonarmos definitivamente nossa inércia e imutabilidade.

O resultado dessa participação é extremamente positivo, como se pode observar nesta edição de “A Chama”.

Sergio Castiglione

CAPA

Em nome da saúde, os fins justificam os meios 17

ESPECIAL

Um olho na mochila, outro na postura 9

ENTREVISTA: Maria Cecília Minayo

“A maioria das violências cometidas numa sociedade não são as que matam” 2

COMO SE FAZ

Representante de Turma: participação começa cedo 5

Atividades extraclasse e o contexto pedagógico no CSVP 6

ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO

“Excelentes frutos, tantos sonhos por realizar” 8

FÓRUM

A política passada a limpo 12

AÇÃO PASTORAL

Encontro com a fé e a religião: o papel das Famílias 14

ESPAÇO APM

Festas que reforçam laços 15

EJA

EJA desenvolve educação permanente dos Professores 16

AÇÃO PEDAGÓGICA

Feira do Trabalho: uma boa opção para o vestibular 20

Feira da Linguagens: um mergulho profundo na questão da água 21

Ensinando e aprendendo pela web 24

ESPORTE

Era uma vez um projeto... 25

ETC

Caraça de ontem, São Vicente de hoje 26

Notas 28

FORMANDOS 30

CARTAS 32

“A maioria das violências não são as que matam”

Ao defender que a sociedade ensina e aprende a ser violenta, ela entra no terreno da educação. Ao lembrar que a violência é a principal causa de morte de brasileiros na faixa entre cinco e 49 anos, ela se instala no campo da saúde. Maria Cecília Minayo, médica sanitária, com mestrado em antropologia e doutorado em saúde pública, coordena o Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde (Claves), da Fundação Oswaldo Cruz. Nesta entrevista, a pesquisadora, que estuda esse tema no Brasil há 15 anos, faz um diagnóstico da sociedade atual e fala sobre o papel da escola no combate – ou no incentivo – à violência.

a chama: Apesar do foco maior na atual rotina de violência no Rio de Janeiro, associada principalmente ao tráfico de drogas, vemos explosões de violências em diversos lugares, com diferentes argumentos: índios, sem-terra, pitboys, dentre outros. Pode-se dizer que a sociedade hoje está (ou é) violenta? Onde se “aprende” a ser violento?

Minayo: Sem dúvida, hoje há um clima social de insatisfações e conflitos no Brasil, mas é muito difícil dizer se a sociedade está mais violenta. O que existe, certamente, é uma consciência muito mais elevada e clara da sociedade sobre os problemas. Muitos deles já existiam, por vezes eram e são seculares como as questões dos sem-terra, dos índios e outros, mas aconteciam e se reproduziam sem que a sociedade os tratasse como violência. Eram olhados de forma muito “naturalizada”. Violência se aprende sim, porque é uma forma de relação cultural. Uma sociedade, cultura, comunidade ou instituição cria e reproduz (ensina) como quer resolver seus conflitos, por meio da argumentação, do diálogo, do respeito ou por meio da coerção física, da humilhação, da

submissão do outro. Há sempre um papel da individualidade nisso tudo: umas pessoas são mais agressivas que outras. No entanto, a educação e a capacidade de argumentação são atitudes e práticas que se aprendem. Conflito não é violência. O conflito sempre existe entre os grupos sociais, no interior das famílias e das instituições e não é mau: mostra que nem todo mundo é igual ou pensa da mesma forma. O ruim é a violência usada para a solução. É acreditar que, para ter o que quero ou fazer prevalecer o que imagino que é certo, eu preciso dominar, humilhar, fazer crueldade ou aniquilar o outro.

Uma sociedade, cultura, comunidade ou instituição cria e reproduz (ensina) como quer resolver seus conflitos, por meio da argumentação, do diálogo, do respeito ou por meio da coerção física, da humilhação, da submissão do outro.

a chama: A sociedade e a mídia, de um modo geral, dão destaque à violência do



FOTO: ARQUIVOS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

evento, aquela do tráfico que mata e fecha rodovias. Mas, podemos identificar “violência” no nosso comportamento cotidiano? Há relação entre pequenas atitudes “violentas” que se tornaram comuns e o “estado de violência” em que se vive hoje?

Minayo: A maioria das violências cometidas numa sociedade não são as que matam. Infelizmente, na sociedade brasileira hoje, as mortes por armas de fogo, tanto as cometidas por brigas entre facções rivais no tráfico como as que ocorrem em assaltos ou em conflitos interpessoais, são de tal magnitude que fazem uma cortina de fumaça sobre a realidade. Mas é preciso colocar luz sobre vários outros tipos. As discriminações sociais por motivos de classe, pelo fato de a pessoa ser suburbana ou viver na Zona Sul no caso do Rio de Janeiro, entre homens e mulheres, contra homos-

cometidas numa sociedade

A Escola tem papel importante na valorização da vida

sexuais, contra negros, por exemplo, são muito prejudiciais à sociedade e são uma base para muitas violências. Outro ponto muito pouco tratado são os chamados acidentes de trânsito. Morrem hoje muito mais brasileiros no trânsito do que por aids ou doenças. A maioria é jovem e do sexo masculino. Grande parte dos acidentes de trânsito na verdade são violência: o trânsito é um lugar de expressão do machismo, da prepotência, do desrespeito aos outros, da desvalorização da vida. Para os jovens é importante lembrar que o coquetel da morte se compõe de excesso de velocidade, uso de bebida alcoólica e sono. É importante dizer isso porque, no Rio de Janeiro, por exemplo, a maioria dos acidentes, além de ser com jovens, ocorre nos finais de semana, de madrugada e depois de festinhas em que todos se excedem na bebida. Talvez se deva pensar que, se todos querem se divertir, vale a pena economizar para rachar um táxi e voltar para a casa em segurança.

a chama: A sra. diz em alguns estudos e entrevistas que, no Brasil, a juventude é quem mais sofre e comete violência. A que se deve isso? Como a escola pode enfrentar esse problema?

Minayo: É na faixa da juventude, dos 15 aos 29 anos, que se concentra a mortalidade por violência e as prisões estão cheias de jovens delinquentes. A escola também é palco de violência. Além da violência social geral, as brigas e humilhações entre estudantes freqüentemente provocam sérios problemas aos que são repetidamente humilhados e maltratados. Muitos guardam ressentimentos, pelo resto da vida, das violências e discriminações sofridas na escola, prejudicando seu desempenho social. Estudos inter-

nacionais mostram que o problema da violência entre estudantes, hoje denominado *bullying*, é tão sério que pode levar a suicídio e aumentar a disposição de alguns jovens para se vingar, cometer homicídios ou praticar atos anti-sociais. Por outro lado, é importante ter em conta o mal que faz a violência familiar. Os maus tratos no interior das famílias, que podem se apresentar como violência física, psicológica, sexual ou como negligência, são muito mais comuns do que se pensa. Infelizmente, na maioria das vezes eles ficam encobertos com o manto do segredo porque se considera o lar um ambiente privado e ainda persiste uma crença de que “ali ninguém deve meter a colher”. No entanto, as estatísticas mostram que a violência intrafamiliar ocorre em todas as classes sociais e as vítimas mais freqüentes são mulheres e crianças. Eu penso que essa violência do mundo privado é uma forma de comunicação das famílias e, quase sempre, nos lares onde há relações assim, todos sofrem, pois as várias formas de violência se associam. Estudos mostram também que a violência intrafamiliar é altamente potencializadora da violência social e vice-versa. Ou seja, menos falada, escandalizando menos que um assalto ou roubo, a violência que ocorre no interior dos lares tem a ver com todas essas outras formas que hoje nos aterrorizam.

a chama: A família tradicional mudou, alterando inteiramente a quantidade e qualidade da convivência entre pais e filhos. Qual a real influência dessa mudança no comportamento e na personalidade mais ou menos violenta das pessoas?

Minayo: Nosso grupo de pesquisa fez um estudo pioneiro no Rio de Janeiro sobre essa juventude que está entrando no século XXI. Foi publicado num livro chamado *Fala Galera: Juventude,*

Cidadania e Violência no Rio de Janeiro (Editora Garamond, 2000). Uma das questões analisadas foram as mudanças na instituição familiar. Observamos que, em si, nem o fato de ter aumentado muito o número de separações, nem a ocorrência freqüente de lares em que convivem filhos de vários matrimônios, nem o fato de os pais trabalharem fora e nem a acelerada presença da mulher no mercado de trabalho são causas de maior ou menor ocorrência de violência entre crianças e jovens. Constatamos sim, que o maior ou menor afeto, a presença ou a ausência concreta e emocional dos pais na vida dos filhos e no acompanhamento dos seus problemas, de suas dificuldades e de seus êxitos (o que não se conta por número de horas que passam juntos) e o estabelecimento de limites (o que é prova ao mesmo tempo de autoridade e de amor) são fatores essenciais na formação de crianças ou jovens conscientes, respeitadores e solidários ou, ao contrário, violentos.

É na faixa da juventude, dos 15 aos 19 anos, que se concentra a mortalidade por violência e as prisões estão cheias de jovens delinquentes

a chama: Quais as transformações por que a escola precisa passar para atender a essa mudança da família e ajudar a construir uma sociedade menos violenta?

Minayo: Creio que a escola, hoje mais do que nunca, é um lugar privilegiado de socialização e de formação dos cidadãos. Mas não adianta os professores concorrerem com os meios de comunicação. É preciso que eles os utilizem e se distingam pela sua capacidade de provocadores da reflexão, da crítica e do avanço da consciência social. A escola como instituição e os professores enquanto agentes de educação não perderam seu papel social; pelo contrário. Mais do que nunca, precisam ser protagonistas e transformar seus alunos em protagonistas do sentido de serem transformadores e atores da inclusão e da cidadania.

a chama: Que sinais pais e escola devem observar para identificar comportamentos violentos de risco nos filhos e alunos?

Minayo: Há alguns sinais que pais e educadores podem observar nas crianças e nos jovens e que freqüentemente são preditivos de comportamento violento, voltado contra o outro ou contra eles próprios: isolamento do grupo, excesso de agressividade no relacionamento, sobretudo nos casos em que enfrentam contrariedade a seus desejos e vontades; baixa auto-estima; uso de drogas ilícitas; participação em grupo que cultiva e valoriza relacionamentos, atitudes e comportamentos violentos.

a chama: A sra. aponta, em alguns textos, que o enfraquecimento da relação com a religião é um dos fatores que abrem caminho para a violência na sociedade atual. O São Vicente é um Colégio católico. Podemos pensar a religião como uma ferramenta para se combater a violência na escola?

Minayo: Não considero o afastamento da religião como um preditor de comportamento violento. O que às vezes tenho escrito é que a secularização faz parte das mudanças que ocorrem com a juventude atual e isso parece retirar certas "amarras", "freios" que impediam comportamentos ilícitos que as religiões, em geral, impõem. No entanto, esse raciocínio só vale quando se considera o conjunto de fatores e não a religião

isoladamente. No *Fala Galera*, contra tudo que nós pensávamos, vimos que mais de 30% dos jovens cariocas valorizam fortemente a religião e encontram muito conforto e felicidade em praticá-la: isso faz bem para sua vida, sua formação e suas relações sociais. Mas também sabemos que a própria religião pode ser pretexto para a prática da violência, como se pode observar nos vários fundamentalismos presentes hoje no mundo. Portanto, a realidade social é mais complexa do que parece à primeira vista. O Colégio São Vicente, por ser uma instituição católica e ter, na sua mística de origem, a liderança e o patrocínio de um santo que consagrou sua vida às causas sociais e à compaixão humana, tem um papel fundamental naquilo que considero o avesso e o antídoto da violência: o amor, a solidariedade, a compaixão, a busca da inclusão social e da cidadania.

a chama: Quais as conseqüências positivas e negativas do "medo" generalizado que vem se instaurando na sociedade atualmente?

Minayo: O maior problema do medo na sociedade brasileira hoje, principalmente no Rio de Janeiro é, do ponto de vista relacional, o aumento da agressividade e o fechamento das pessoas em relação aos outros ou em suas casas. Do ponto de vista econômico, o prejuízo da vida noturna da cidade é imenso. E do ponto de vista social, o crescimento da discriminação influi na própria arquitetura da cidade, pois casas e prédios criam muros e grades, pessoas ricas se isolam em condomínios fechados e se protegem de seus semelhantes: passamos a crer que o outro é nosso inimigo ou pode nos ferir, prejudicar ou matar. A violência, pautando a vida das cidades, impede que elas olhem para questões essenciais de seu desenvolvimento e crescimento saudáveis.

a chama: O Centro Latino-Americano de Estudo sobre Violência e Saúde (Claves) está ligado à Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Por que estudar a violência pela ótica da saúde pública?



O São Vicente tem um papel fundamental naquilo que considero o avesso e o antídoto da violência: o amor, a solidariedade, a compaixão, a busca da inclusão social e da cidadania.

Minayo: O Claves foi criado pela Fiocruz porque os estudos epidemiológicos, desde 1979, passaram a mostrar que hoje a violência é a segunda causa de mortalidade no país e que, na longa faixa de 5 a 49 anos, é a primeira causa. Ou seja, hoje em nosso país se morre mais por violência do que por câncer, aids ou doenças infecciosas. O Claves já tem 15 anos e faz um trabalho não só de pesquisa como de assessoria aos governos e à sociedade civil e forma pessoas para trabalharem com esse problema, do ponto de vista da saúde pública. ■

Cátia Guimarães

Representante de turma: participação começa cedo

“P”siu! Silêncio! O barulho é irritante e atrapalha o estudante”. Muitos viram um cartaz com esses dizeres pelos corredores, mas poucos sabem todo o processo que se esconde por trás dele. Há cerca de três anos, o Colégio vem desenvolvendo uma campanha de valorização da presença do Aluno em sala de aula.

Mas só este ano, com a participação ativa dos Representantes de Turma, foi possível levar adiante outras duas campanhas com os Alunos de 3ª e 4ª séries: uma pela diminuição do peso da mochila e outra pela redução do barulho.

A idéia, segundo a coordenadora Liliane C. dos Santos, foi amplamente discutida com os Representantes, que elaboraram os cartazes e conversaram com as Turmas sobre a importância de colaborar. Para Camila Ribeiro, representante da turma 42, as campanhas são importantes para os Alunos perceberem que podem melhorar.

Outra etapa importante do trabalho foi a realização de uma pesquisa para ver como os próprios Alunos avaliavam o seu comportamento com relação aos temas. Além disso, foi aplicado um questionário sobre as dificuldades e facilidades que eles sentiram na passagem da 2ª para a 3ª série e da 3ª para a 4ª. O resultado desse questionário será importante para os Professores direcionarem sua atuação, ajudando os Alunos em suas dificuldades.

Tabulados os resultados (ver box), coube aos Representantes — de novo eles — apresentá-los para os colegas de Turma e para os Professores, no Conselho de Classe. “Os Professores falam sobre o comportamento da Turma em suas aulas, nós anotamos tudo e transmitimos para a Turma. Agora foi a vez de nós mostrarmos para os Professores o que os Alunos pensam deles mesmos”, explicou Cecília d’Escragnolle, representante da turma 32. “Quando a gente participa, faz algo útil para o Colégio e para os colegas”, conclui orgulhosa Elisa Menezes, Representante da turma 33.

Números da pesquisa com turmas de 3ª e 4ª séries

Dos 213 Alunos que responderam a pesquisa

- 35 acham que podem melhorar sua presença em sala de aula;
- 61 acreditam que podem reduzir o peso que carregam nas mochilas com algumas medidas simples;
- 78 se consideram mais barulhentos que o necessário

O difícil papel de Representante

Querer ser Representante de Turma e exercer essa função com prazer mostra um perfil de liderança e participação social. Mas isso significa, muitas vezes, se expor a situações difíceis, em que diferentes valores estão em jogo. Isabel Alegria, Luiz Fernando Mendonça e Domitila Ribeiro, trio de Representantes da Turma 71, da 7ª série, têm um bom exemplo desse desafio.

Seguindo as atividades normais do Colégio, eles participam das duas primeiras reuniões de Conselho de Classe do ano — ao todo, acontecem três. É papel deles ouvir o que os Professores pensam sobre a Turma, fazer sua própria avaliação do dia-a-dia em sala de aula e propor ações para corrigir eventuais problemas. Este ano, logo no primeiro trimestre, os Representantes entenderam que a conversa excessiva estava atrapalhando o aproveitamento da turma. E tomaram uma atitude radical: pediram o mapeamento da sala.

Mapear é um daqueles verbos dos quais os estudantes em geral têm verdadeiro horror. Significa marcar lugares fixos para cada Aluno, dificultando a formação de “panelinhas tagarelas” durante as aulas. Além disso, por sugestão da coordenação, eles mesmos, os Representantes, sugeriram as novas posições. A Turma ficou brava. Mas... “Foi raiva passageira. Como todo mundo se conhece e se dá bem, ninguém ficou isolado”, garante Isabel.

Apesar de alguns conflitos que podem surgir no meio do caminho, as funções dos Representantes, principalmente no que diz respeito à participação no Conselho de Classe, têm como objetivo aumentar o diálogo entre a Turma, os Professores, os Coordenadores e a Direção. Eles transmitem para os Alunos, por exemplo, tudo que foi dito sobre a Turma. E, mais importante do que isso, levam para o Conselho o “Estatuto” da turma, um documento, elaborado por todos os Alunos e consolidado pelos Representantes, que aponta os principais direitos, deveres, facilidades e dificuldades do grupo.

No caso da Turma 71, um dos direitos é “ser respeitado”; um exemplo de dever é “ficar em silêncio” — opa!; uma facilidade identificada é “fazer novas amizades”; e uma das dificuldades apontadas é que, segundo eles, os Professores têm sido muito rígidos.

Do mais, Isabel, Luiz Fernando e Domitila dizem que o que há de mais chato em ser Representante está também ligado à participação nos Conselhos de Classe: ter que ir ao Colégio num dia de folga, quando todos os colegas estão na praia. E o que há de melhor? Sair das reuniões com as notas de toda a Turma, afixá-las num mural e acabar com aquela angústia trimestral que todos que já foram estudantes sabem exatamente como é. ■

ISABEL ALEGRIA, DOMITILA RIBEIRO E LUIZ FERNANDO MENDONÇA



GRUPO DE REPRESENTANTES DE 3ª E 4ª SÉRIES

ATIVIDADES EXTRACLASSE E O CONTEXTO PEDAGÓGICO NO CSVP

Diante das intensas transformações sociais e da inovadora produção cultural da modernidade, a Escola está sendo chamada a atualizar seu currículo, enriquecê-lo, promovendo atividades de articulação entre o conhecimento acadêmico já definido e estruturado e outras manifestações sociais e culturais relevantes no mundo contemporâneo. Exemplifico apontando algumas questões tais como: o lugar que hoje ocupa em nosso meio o uso da linguagem dos multimídia e a hiperestimulação que eles provocam, o crescente índice de estresse e violência produzidos pelo meio urbano; o convívio com uma enorme diversidade de formas culturais, com a desigualdade social, com a ameaça de esgotamento dos recursos naturais do planeta etc.

Enquanto não é possível inventar outra Escola, temos buscado timidamente, com os recursos que nossa infraestrutura permite e com a adesão daquelas Famílias que buscam respostas e alternativas de solução para as questões aqui colocadas, oferecer uma gama de atividades extraclasse, como chamamos,

“Enquanto não é possível inventar outra Escola, temos buscado oferecer uma gama de atividades complementares do currículo, em que propomos abrir novas frentes de observação da realidade”

complementares ao currículo, em que propomos abrir novas frentes de observação da realidade, experimentar novas metodologias e atender, de forma diversificada, às possibilidades e interesses dos Alunos.

Nessa perspectiva, um curso de Filosofia e Cinema ou outro de Arte, Cultura e Comunicação se propõem a desenvolver nos Alunos habilidades de leitura crítica dos novos meios de comunicação, a interpretar e produzir textos nessas novas linguagens.

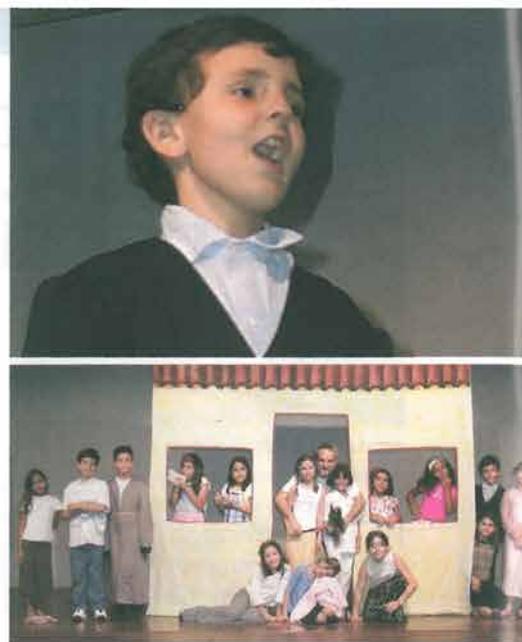
Por outro modo, num curso de Teatro, a montagem de uma peça ou de uma cena, como veículo de expressão e comunicação, leva os meninos e os jovens a perceberem suas potencialidades, a selecionarem e discutirem temas ligados às questões sociais e políticas do seu tempo. Ao mesmo tempo, abre-se para eles uma perspectiva de serem vistos por eles mesmos, e pelos outros, como alguém produtivo, importante, que constrói um texto, uma fala, um discurso de alcance social. Esses olhares contribuem para a melhoria de sua auto-estima.

Com objetivos bastante específicos, um curso como o de Métodos de Estudo e Pesquisa ajuda muitos Alunos a ganharem competência no “aprender a aprender”, pela tradução de práticas e linguagens pedagógicas que, muitas vezes, não são captadas em sala de aula pelos alunos com mais dificuldade.

Há nessas propostas de atividades extraclasse toda uma riqueza de leitura da realidade, de inserção num universo novo e estimulante e de busca de um contato mais individualizado com os Alunos, em situações que a Escola não esgota no seu tempo regular de trabalho.

Os cursos e outras atividades como excursões, visitas a museus e exposições, assim como nossos projetos de ação social têm sido uma estratégia encontrada, neste momento, aqui no São Vicente, para superar o currículo extremamente acadêmico que ainda vigora em nossas Escolas. ■

Nina Maria Cunha
Coordenadora Acadêmica do CSVP



TEATRO INFANTIL COMO CAMINHO DO ENSINO

O curso de Teatro Infantil do São Vicente, criado e coordenado por mim desde 1987, busca desenvolver no aluno um conjunto de habilidades que, integradas com o domínio dos conteúdos, ajude-os a alcançar competências previstas na proposta do Projeto Pedagógico do Colégio.

Com nosso curso, esperamos que o aluno seja capaz, entre outras coisas, de: compreender o mundo em que convive; perceber e respeitar as diferenças entre as pessoas; interagir de modo solidário; trabalhar em equipe; integrar criativamente os conhecimentos técnicos adquiridos nas aulas de artes cênicas com a prática na montagem de pequenas cenas ou mesmo de uma peça; e resolver problemas e situações mais complexas do seu dia a dia.

O encaminhamento das aulas se dá por meio de um ambiente lúdico, no qual, a partir de jogos teatrais, o aluno experimenta situações diversas.

O prazer com que a criança participa da aula é um sinalizador do sucesso que esse curso vem obtendo ao longo dos seus quase 20 anos de existência. ■

Lauro Basile
Professor de Teatro Infantil do CSVP



CONSTRUINDO PELA ARTE

A Arte faz a ponte entre a razão e a fantasia. Desenvolve a criatividade e faz com que aprender seja brincar com o desconhecido, inventar possibilidades, alegrar-se com as descobertas, criar sua própria linguagem.

A Oficina de Arte possibilita desenvolver a imaginação, a expressão e a comunicação. Como parte das atividades extraclasse da Escola, permite ao Aluno um maior contato consigo mesmo. Estimula a autonomia e valoriza a autoria, num ambiente descontraído, lúdico e criativo.

Na Oficina de Arte do Colégio São Vicente de Paulo, exploramos materiais como tinta guache, anilina, nanquim, acrílica, aquarela, lápis de cor, lápis cera, *pilot*, argila, papel machê, massinha, *biscuit*, sucata, arames, barbantes, cola, fita crepe.

Cada Aluno escolhe o que quer fazer e que material quer pesquisar. Com isso, produzimos desenhos, quadros, painéis, maquetes, esculturas, brinquedos e tudo mais que nossa imaginação e criatividade quiserem inventar. ■

Renata Azevedo
Professora da Oficina de Artes do CSVP

Como se faz



O CANTO CORAL NA EDUCAÇÃO

Antes de ser regente de corais, sou educadora. E tive a dádiva de escolher o canto coral, uma paixão muito antiga, como instrumento de educação. A atividade coral propõe um excelente modelo de vida em sociedade, baseada na colaboração, na sintonia com os demais e na generosidade; enfim, a sociedade justa que tanto buscamos! É nos ensaios que exercitamos a mistura e o aprimoramento das vozes e, sem perder as singularidades, perseguimos um resultado sonoro de qualidade, em que todos somam e crescem! Cantar em grupo é desenvolver a atenção ao outro e se entender importante, dentro do coletivo.

Partindo do princípio de que um adulto desafinado foi uma criança ou um adolescente que não teve oportunidade de se afinar, gosto de dizer que nem todo mundo será um Ronaldinho, mas todos podem ter seu prazer jogando uma “pelada” no fim-de-semana. O mesmo se aplica ao canto. E é por isso que a atividade coral no Colégio São Vicente é oferecida a todos!

E como lidar com a exposição, o sucesso e a... “fama”? A apresentação é também parte do processo pedagógico em que, além de agentes multiplicadores (mostrando a real possibilidade de desenvolvimento do jovem através do canto coletivo), lidamos com sentimentos importantes como vaidade, egocentrismo, competição e mesmo inveja, num contexto que possibilita uma ampla reflexão sobre esses aspectos da nossa sociedade.

Para que compreendamos o quanto coral é educação, remeto-me ao exemplo de uma Aluna que, ao final de um concurso de corais – no qual passamos pela estressante experiência de dominar nosso nervosismo perante uma banca exigente, uma platéia seleta e um ambiente competitivo – respirou aliviada, exclamando: “Depois dessa experiência, posso encarar qualquer vestibular para Medicina!”. Precisa dizer mais? ■

Patricia Costa
Professora e regente do Coral do Ensino Médio do CSVP

“Excelentes frutos, tantos sonhos por realizar”

Comemorado no dia 30 de março, o aniversário do São Vicente é sempre uma boa oportunidade para reunir os amigos, receber os novos membros da comunidade e reforçar os laços que unem os que trabalham e estudam na Casa.

Neste ano, o São Vicente, fundado em 1959, festejou 45 anos de “dedicação, alegria, muito trabalho, excelentes frutos, tantíssima esperança e ainda tantos sonhos por realizar”, como disse Pe. Lauro Palú na Homilia da missa comemorativa (ver box). Isso, sem dúvida, merece muita festa.

Jogos comemorativos

Como parte dos festejos, o São Vicente recebeu, nos dias 29 e 30 de março, atletas dos colégios Teresiano, Bennett e Imaculada Conceição para jogos amistosos de futsal, vôlei e handebol masculino e feminino. No final do torneio, em que o São Vicente ganhou duas partidas e perdeu outras duas, a vitória foi da confraternização e o campeão foi, certamente, o espírito de união que imperou entre atletas e torcedores.

Mas não foi só nas quadras que os Alunos comemoraram a data. Na semana que antecedeu o dia 30, houve lanches festivos e algumas Turmas aproveitaram a aula de informática para criar bonitos cartões para o aniversariante.

Crianças no altar

Depois de tantas manifestações de carinho, só restava esperar pela já tradicional missa, na qual são recebidos os novos Alunos e seus Familiares.

Antes da celebração, realizada no auditório do Colégio, as palavras do professor José Eduardo (Zedu), um dos coordenadores da Compasso, já prenunciavam o clima da festa que, segundo ele, seria fortemente marcada pelo espírito de unidade que surge quando se acolhe o outro de braços e coração abertos.

Na cerimônia, presidida pelo Pe. Agnaldo Aparecido de Paula e concelebrada pelos padres Lauro Palú, Juarez Soares, Geraldo Barbosa e Rafael Manna, é possível destacar a participação de todos os segmentos da comunidade, que se fizeram representar na procissão de entrada, no Ofertório e pelas crianças, chamadas ao altar na hora do Ofertório e da Consagração e que voltaram aos seus Pais, levando-lhes a paz.

Depois da missa, os convidados participaram de um coquetel de confraternização que terminou, como não poderia deixar de ser, com um sonoro “Parabéns pra você” e muitas palmas. O saldo de tanta festa? Certamente a energia necessária a mais um ano de trabalho. ■

Felicidade e bondade

Na Homilia, disponível no site do Colégio (www.csvp.g12.br), Pe. Lauro destacou, entre outras coisas, a opção inicial da Escola por uma educação crítica, “que abrisse os olhos dos Alunos para as realidades do mundo, de nossa classe e das classes que nos cercam e hoje tanto nos atemorizam”.

Ele lembrou as dificuldades de se implantar uma educação libertadora, quando os Pais queriam apenas uma educação liberal e a menina, libertinagem. “Para se tirar a ambigüidade desses projetos, tentamos responder a duas perguntas: libertar de quê? Libertar para quê? E aí começamos a falar em educação libertadora e evangelizadora, dando um profundo conteúdo à palavra libertação. Falamos claramente em educar para a justiça”. Numa linguagem própria para os Alunos mais novinhos, Pe. Lauro lembrou que eles estão no São Vicente para serem felizes e bons. “Somos felizes quando conseguimos desenvolver todas as nossas capacidades, inteligência, vontade, emoção, sensibilidade, gosto artístico, esportividade, generosidade, liderança, musicalidade, criatividade, tudo o que Deus nos deu de bom e que fazemos crescer. Somos bons quando pensamos em fazer que os outros também sejam felizes”.

Pe. Lauro ainda destacou a importância da parceria Família-Escola e da presença dos Pais nas reuniões, junto com os Professores e a Direção, em todas as necessidades e situações. “Depois”, brincou com os Pais, “é agüentar a presença, as exigências e as cobranças de vocês”.

Para finalizar, Pe. Lauro reforçou o compromisso assumido pelo Colégio: “Que Deus nos guarde jovens e entusiasmados, crendo na vida e no futuro, vocês confiantes e nós corajosos”.



NA MISSA, A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS EMOCIONOU A TODOS



Uma dorzinha nas costas, a dificuldade de sentar-se por muito tempo numa mesma posição e está soado o alarme: a coluna vertebral precisa de cuidados. De acordo com a Sociedade Brasileira de Reumatologia, 80% dos habitantes do planeta terão ao menos um dia de dores na região lombar durante a vida. É muito? Pois esse número poderia ser bem menor se as pessoas, desde a infância, observassem cuidados simples de postura e de boa saúde. Segundo especialistas, o olhar cuidadoso de pais e professores pode evitar sérios danos à coluna de crianças e adolescentes. E eles devem estar atentos a dois péssimos hábitos, embora muito comuns: o peso excessivo das mochilas e a má posição na carteira ou em frente ao computador.

Além de terem implicações estéticas, os descuidos posturais causam dores musculares precoces nos estudantes. Debruçar-se sobre o livro ou o caderno na carteira pode acelerar o aparecimento da cifose, quando os ombros e a coluna cervical se dobram para frente. Já o peso das mochilas ou uma maneira incorreta de carregar o material estão geralmente associados a escoliose, quando a coluna e a musculatura se deformam lateralmente, em forma de “S”. Entretanto, é bom lembrar que esse tipo de escoliose, chamado funcional, pode ser corrigido com exercícios; já o estrutural, possivelmente hereditário, é mais grave e precisa de acompanhamento médico. Muitas vezes, de cirurgia.

A mochila é geralmente vista como a grande vilã das costas das crianças. Segundo o médico Luiz Cláudio Schettino, professor de ortopedia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em coluna, um cuidado que pode prevenir dores crônicas é evitar carregar o material de um só lado do tronco. Algumas soluções, além de diminuir o peso das bolsas, podem ser levar a mochila num carrinho ou pô-la em armários no colégio. “Cada criança suporta levar uma carga diferente, mas se ela já estiver sentindo dores ou mantiver

Um olho na mochila, outro na postura

uma postura constantemente incorreta, precisará de exercícios para reeducação postural”, explica Schettino.

Porém, mesmo as alternativas ao uso da mochila devem ser examinadas caso a caso. Esse é o alerta do fisioterapeuta e professor de educação física do Colégio São Vicente de Paulo, Ricardo Oliveira. Para ele, a mochila com rodinhas é um bom exemplo de que não existe solução instantânea. Qualquer medida para melhorar a postura só tem efeito se bem orientada. “Às vezes, os carrinhos estão ajustados de modo que as crianças, para puxá-los, precisam torcer o tronco ou abaixar-se. Isso é mais prejudicial à coluna que uma mochila carregada nas costas, se esta estiver leve, bem apoiada e com peso bem distribuído”, explica Ricardo, para quem o professor tem papel fundamental no diagnóstico de problemas posturais. “Na educação física, estamos sempre atentos. Quando uma Criança tem um



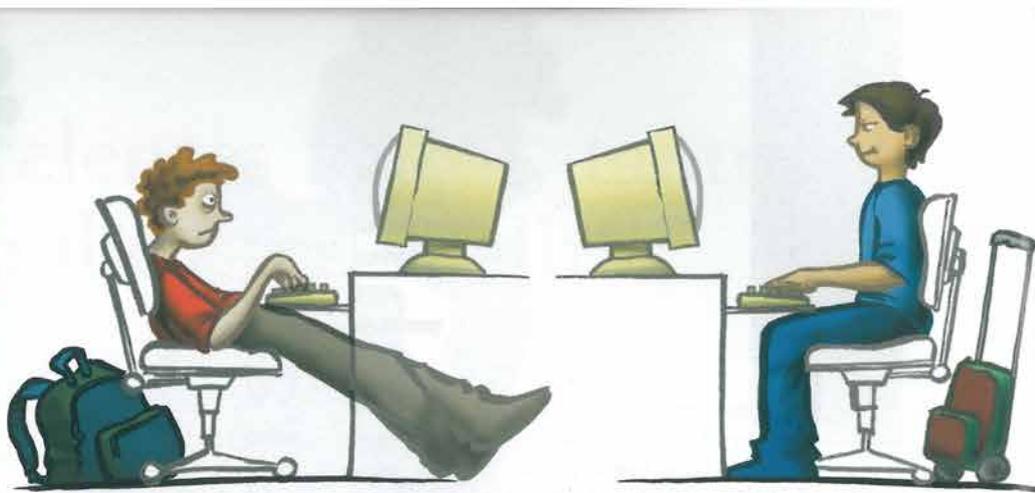
problema postural nítido, pedimos que o Colégio entre em contato com os Pais para orientá-los a procurarem um especialista. É preciso um trabalho individualizado e a função dos Professores é orientar os Alunos e os Responsáveis.”

Assumindo o papel de conscientizar as crianças, a Coordenação Pedagógica das 3ª e 4ª séries incluiu os cuidados com a mochila numa avaliação feita pelos próprios Alunos no início deste ano. Das 216 Crianças que responderam à pesquisa, 61 admitiram ter maus hábitos em relação à maneira como utilizam o material escolar. O problema mais citado foi o excesso de peso das mochilas, principalmente porque os Alunos carregam cadernos, estojos e outros objetos além do necessário. Muitos que têm armário para deixar o material disseram que se esquecem de usá-lo.

Se na escola o vilão é a mochila, em casa quem mais maltrata a coluna de crianças e jovens é o computador. Cada



RICARDO OLIVEIRA, PROFESSOR DE ED. FÍSICA



vez mais, eles trocam as atividades físicas por horas sentados em posição inadequada, causando problemas posturais que gerarão dores nas costas prematuramente. Além disso, o sedentarismo muitas vezes leva à obesidade, que causa sobrecarga na coluna e agrava o problema. Segundo o professor Ricardo Oliveira, a única maneira de interromper esse ciclo nocivo é a mudança de hábitos. “É mais fácil corrigir problemas posturais nas crianças, pois elas ainda não completaram sua formação corporal. O ideal é que se reduza o tempo de uso do

computador e que se observe a postura em frente a ele. Os pés devem estar totalmente no chão e o tronco reto, por exemplo. De forma geral, os problemas posturais podem ser evitados com diagnóstico precoce e hábitos mais saudáveis, como exercícios físicos e controle do peso”, ensina.

Portanto, a única forma de se figurar entre os 20% que passarão a vida sem sentir dores nas costas é começar a reeducação o mais cedo possível. Por falar nisso, como estava sua postura agora, enquanto lia essa reportagem? ■

O que faz a coluna chiar

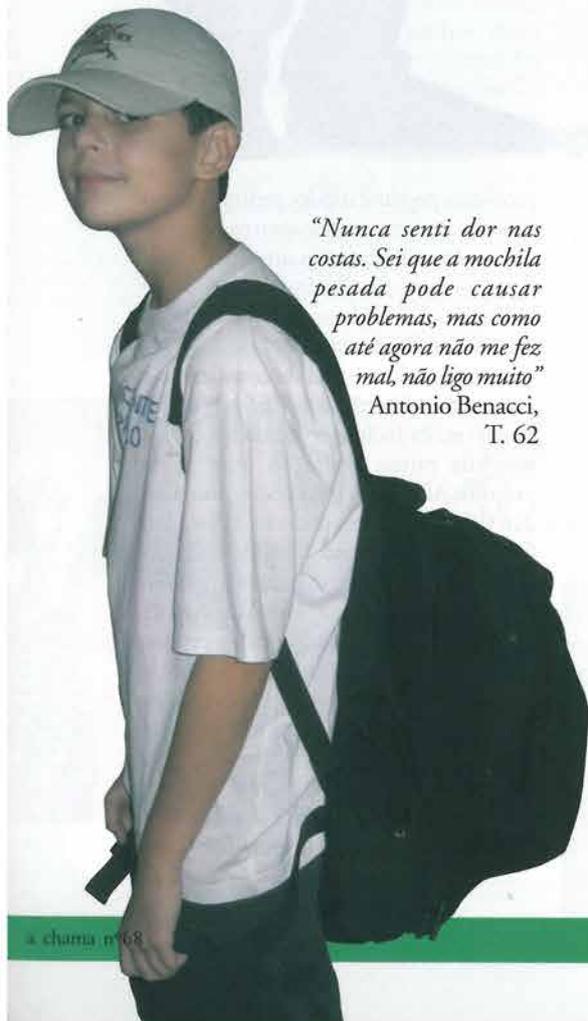
PESO: Todos devem carregar uma carga de peso proporcional à sua força física. Devem-se evitar cargas por longos períodos, como costuma ocorrer com as mochilas, e prestar atenção na postura no momento de levantar objetos pesados. A flexão deve ser do joelho e não das costas.

OBESIDADE: Pessoas acima do peso ideal deixam a coluna em permanente sobrecarga. A solução é emagrecer e, se a dieta vier acompanhada de exercícios físicos, o fortalecimento da musculatura ajudará a evitar dores lombares.

POSTURA: A má postura na carteira do colégio ou diante do computador é uma das principais causas de dores lombares precoces. Ler debruçado sobre o livro ou o caderno pode contribuir para o surgimento da cifose. No computador, a má posição causa sobrecarga lombar e pode levar ao aparecimento da escoliose.

EXCESSO DE TREINAMENTO: Para atletas e jovens que praticam musculação, uma grande preocupação deve ser a carga de treinamento. O ritmo e a intensidade devem estar ajustados à idade e ao tipo físico de cada um. Um trabalho mal orientado leva ao desequilíbrio muscular e à conseqüente alteração postural, que pode provocar fortes dores.

SONO: A posição ideal para dormir é de lado, com o travesseiro numa altura que mantenha o pescoço reto. Dormir com as costas ou o peito encostados na cama causa sobrecarga na coluna e pode ser uma fonte de incômodo em longo prazo.

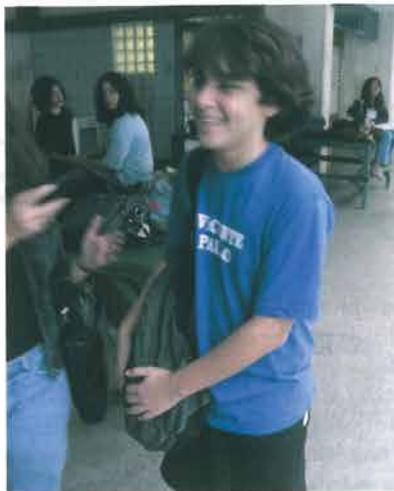


“Nunca senti dor nas costas. Sei que a mochila pesada pode causar problemas, mas como até agora não me fez mal, não ligo muito”
Antonio Benacci,
T. 62

“Eu usava mochila nas costas até um mês atrás, mas estava me fazendo mal. Minha avó pediu e eu troquei por essa de rodinha”

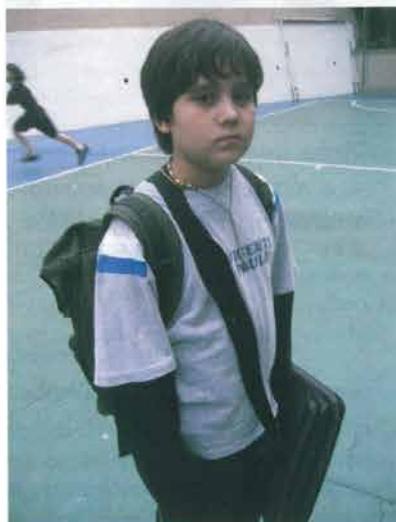
Leon Dornelles
Macedo, T. 54





“Minha mãe sempre diz que esse peso faz mal, mas eu não ligo. Depois da 2ª série, ninguém mais usa mala com rodinha, parece coisa de criança”

Rafael Carrasco, T. 61



À ESQUERDA, ACIMA: PEDRO ANTÔNIO RODRIGUES, DA TURMA 51, LEVA NA MOCHILA, DUAS VEZES POR SEMANA, MATERIAL TAMBÉM PARA O CURSO DE INGLÊS.

AO LADO: BERNARDO FEIJÓ JUNQUEIRA, TURMA 61, CARREGA EM MÉDIA QUATRO LIVROS E UM CADERNO POR DIA. ALÉM DISSO, LEVA UMA PASTA SEPARADA PARA O FICHÁRIO, QUE NÃO CABE NA MOCHILA.

Pesquisa testa capacidade psicomotora de Alunos do CSVP

O desenvolvimento corporal dos Alunos do Colégio São Vicente de Paulo foi objeto de um estudo do Laboratório de Fisiologia do Exercício (Laborfise), da UFRJ, que testou a capacidade física e psicomotora de cerca de 40 crianças e adolescentes do Colégio. O objetivo do estudo é avaliar o estágio do desenvolvimento físico e motor dos Estudantes e compará-lo ao de Alunos da rede municipal do Rio de Janeiro e de escolas da Europa. Além disso, os dados serão entregues aos Professores de Educação Física do CSVP para que eles possam identificar deficiências individuais ou das turmas e realizar trabalhos específicos de condicionamento físico.

Os testes começaram no início de 2004 e incluíram exercícios de velocidade dos membros superiores e inferiores, equilíbrio, salto horizontal e vertical, força abdominal e capacidade cardíopulmonar, utilizando um método conhecido como Eurofit. Com os dados coletados, é possível comparar a condição física e psicomotora de cada Aluno com a média de sua Turma e com jovens num mesmo estágio de desenvolvimento corporal, identificando tanto deficiências a serem corrigidas quanto capacidades que podem ser desenvolvidas por meio de práticas esportivas. “Não estamos em busca de atletas, mas é claro que a análise dos dados pode evidenciar aptidões naturais a serem exploradas”, explica a doutora em engenharia biomédica Fátima Palha de Oliveira, coordenadora da equipe do Laborfise que realizou os testes.

Na opinião de Fátima, os dados coletados no São Vicente e em colégios municipais gerarão um rico banco de dados para monografias e teses nas áreas relacionadas à pesquisa, como educação física, fisioterapia e ciência do esporte. Ela diz que o Laborfise pode voltar ao CSVP nos próximos anos para novas avaliações. “Se os resultados da pesquisa forem utilizados para melhorar a condição física dos Alunos, podemos manter aberto esse diálogo com os Professores de Educação Física do Colégio e atualizar os dados periodicamente”, sugere. ■

Rodrigo Cerqueira

Especial

ANA KAUFMAN, DA TURMA 55, TEM ARMÁRIO NO COLÉGIO E, AINDA ASSIM, CARREGA UM PESO...



“Minha mochila raramente é leve, principalmente por causa do dever de casa, que acumula muitas folhas no fichário. Além disso, trago livros e três estojos. Sou um pouco desarrumada”

Cuidados com as mochilas

1. Ajuste as alças simetricamente e não as deixe muito longas, de forma que a mochila fique firme nas costas. Alças muito folgadas dificultam a locomoção e tendem a forçar o Aluno a assumir uma posição indevida para caminhar.

2. Se optar pelo carrinho ou a mochila com rodas, fique atento para que o peso não seja excessivo e que a altura seja a ideal. Evite um ajuste que o obrigue a abaixar-se ou a girar o tronco.

3. Carregue para a Escola somente o material que vai utilizar naquele dia. É preciso apenas saber o dia de cada aula e lembrar-se de arrumar a mochila diariamente, tarefa que não dura mais de dois minutos.

4. Evite permanecer com a mochila nas costas desnecessariamente. Tire-a na sala de aula e na hora do recreio.

5. Não faça qualquer atividade física intensa (como correr, por exemplo) com a mochila nas costas. Qualquer aumento do peso do corpo significa maior carga para a coluna, principalmente se estiver apoiado nos ombros.

6. Não carregue a mochila em um só ombro, pois esse hábito causa desequilíbrio muscular e compromete a postura. As mochilas devem ter sempre pouco peso e estar bem apoiadas nas costas.

A política passada

Em 1999, a pesquisa “Fala Galera - Juventude, Violência e Cidadania na Cidade do Rio de Janeiro”, realizada pela Unesco (ver entrevista), com 1220 Jovens e 443 Educadores, revelou alguns dados interessantes.

Apesar de haver entre os educadores a idéia abstrata de que a escola deve formar cidadãos, poucos realizam essa idéia na prática. O resultado é que os Alunos acabam se preocupando muito mais com o seu próprio futuro e com a necessidade de conquistar um lugar no mercado de trabalho do que com os problemas da sociedade em que vivem.

Segundo a pesquisa, 67% dos Professores afirmaram acreditar que a educação deve formar cidadãos. A política – fator fundamental na formação desse cidadão – aparece, no entanto, como o segundo assunto menos discutido por eles em sala de aula, à frente apenas do esporte, e como último assunto que estudantes de todas as classes sociais discutem com seus mestres.

O resultado da pesquisa não chega a surpreender, pois a imagem negativa dos políticos, freqüentemente associados à corrupção, ao nepotismo e à troca de favores, esconde o fato de que a política é fruto de uma relação entre a sociedade e o Estado, não podendo ser vista simplesmente como obra de pessoas que ocupam a cúpula do poder.

Num ano de eleições municipais e num país onde as decisões políticas estão longe de expressar os desejos e as necessidades da população, a chama convidou o Professor Wagner Pinto da Silva, que desde 1999 dá aula de História para as 2ª e 3ª séries do Ensino Médio do CSV, o jornalista Fernando Molica, pai do Felipe, da Turma 72, e o Aluno Pedro Vicente Canesin (3º C) para refletirem um pouco sobre alguns aspectos dessa questão.

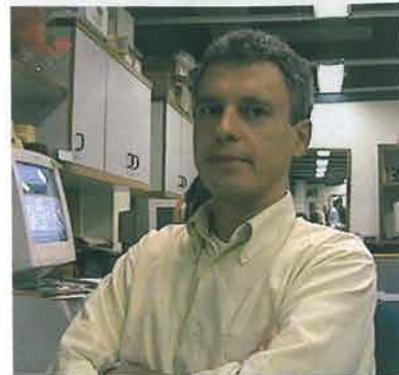
Que papel tem a política na solução dos problemas econômicos e sociais que enfrentamos na atualidade?

Fernando Molica: O papel da política é fundamental, insubstituível. Política aí no sentido amplo, a maneira pela qual uma sociedade se reúne e tenta resolver seus problemas. Isso vale para as grandes questões nacionais e para problemas mais simples, no bairro, na escola e até mesmo na família. A rejeição à prática política é equivocada e perigosa, pois abre caminho para o autoritarismo, para a corrupção, para o oportunismo. É muito fácil desqualificarmos a política e seus atores – como se nós não fossemos responsáveis pela eleição dos políticos. É claro que muitas vezes fica difícil ter entusiasmo pela política, principalmente em um país em que os partidos têm pouca tradição com a elaboração e implantação de programas de governo, muitos políticos demonstram cuidar mais de seus próprios interesses que dos coletivos. Mas, enfim, é o que temos – o que, de uma certa forma, reflete o que somos.

Pedro Vicente: A política tem papel fundamental na solução dos problemas da sociedade. É necessário lembrar que a política não se restringe a partidos políticos, funções públicas ou questões grandiosas,

como a famosa reforma agrária ou a não menos famosa dívida externa (ou eterna...). Também é política reunir um grupo de pessoas e lutar juntos por uma causa ou explicar ao trocador de ônibus que é direito dele pedir moedas à empresa a fim de poder realizar mais facilmente o seu trabalho. Embora esses exemplos sejam muito diferentes, especialmente no grau de mudança que propõem, todos são ações políticas capazes de solucionar problemas da atualidade. A política, como atitude frente ao mundo ou à sociedade, é necessária para que mudanças significativas aconteçam.

Wagner Pinto: A política está presente em cada aspecto da nossa vida. Ela é mesmo uma referência permanente em todas as dimensões de nosso cotidiano na medida em que ele se desenvolve como vida em sociedade. Como diz Brecht em seu poema O Analfabeto Político, “... ele (o analfabeto político) não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.” A política surgiu com a própria História, com movimentos e atitudes que visam interferir na realidade social a partir de conflitos que não podem, ou que não queremos, resolver de nenhuma outra forma (pelo uso da força, por exemplo). É através das diversas atividades



“Acho que o mais importante é derrubarmos os falsos muros entre vida e política. Se nos omitirmos, alguém decide por nós”

Fernando Molica, jornalista

e movimentos que costumamos chamar de ‘política’ que os conflitos dos interesses das diferentes classes sociais se enfrentam e se resolvem. Querendo ou não, gostando ou não, a política está em torno de nós e nós inseridos nela. Compete a cada um a escolha de agir politicamente de forma consciente ou não.

Como a Escola e a Família podem unir esforços para melhorar (ou até mesmo despertar) a consciência política dos estudantes, aumentando seu poder de intervenção na sociedade?

Wagner Pinto: Fiquei preocupado quando li a pesquisa sobre o “Perfil da Juventude Brasileira”, realizada pelo Instituto da Cidadania e pela Fundação Perseu Abramo. Dentre diversos dados um tanto assustadores – como o que dizia que para 16% dos jovens uma ditadura seria um regime melhor –, 29% consideraram que a política não influencia suas vidas e, para outros 55%, eles não influem em nada na vida política do Brasil. Acho que nós, Escola e Família, temos culpa nisso. Não podemos repetir o comportamento da mídia que, não por acaso, insiste em nos convencer de que todo político é ladrão e que a política é uma coisa suja. Não podemos deixar de comentar e criticar as notícias com nossos

a limpo

meninos e meninas, incentivando uma tomada de posição da parte deles. Devemos estimular o interesse pela leitura, pelo debate, pela vontade de ter opinião. Não podemos deixar que eles desacreditem da sua capacidade de mudar o mundo.

Fernando Molica: Acho que o mais importante é derrubarmos os falsos muros entre vida e política. Se nos omitirmos, alguém decide por nós. Não existe maneira de nos eximir de algum tipo de prática política: seja na reunião de turma, na assembléia do condomínio, na eleição para presidente. Creio que a Família e a Escola podem explicitar essa prática de várias formas: no estímulo à discussão e à negociação; no respeito às diferenças, às minorias e às divergências – e, claro, na cobrança dos compromissos assumidos.

Pedro Vicente: Para despertar a consciência política de um cidadão, é imprescindível

“O Colégio proporciona muito espaço para manifestações políticas (não apenas político-partidárias), mas é preciso estimular mais, promovendo, por exemplo, o estudo ou, pelo menos, a leitura da Constituição, para sabermos os direitos e obrigações do cidadão”

Pedro Vicente, Aluno (3º C)



“Não podemos repetir o comportamento da mídia que, não por acaso, insiste em nos convencer de que todo político é ladrão e que a política é uma coisa suja”

Wagner Pinto, Professor de História

que a Família e o Colégio trabalhem juntos, e desde cedo. Desde criança, a pessoa deve ser incentivada a “fazer diferença”. Não adianta, no Ensino Médio, os Professores de História, Geografia, Sociologia ou Filosofia, dizerem aos Alunos que é muito importante ter uma “atitude política” sem inseri-los no contexto. O Colégio proporciona muito espaço para manifestações políticas (não apenas político-partidárias), mas é preciso estimular mais, promovendo, por exemplo, debates políticos desde mais cedo e debates sobre ética nas aulas de religião; o estudo ou, pelo menos, a leitura da Constituição, para sabermos os direitos e obrigações do cidadão etc. Conversar em casa com os Pais também é essencial, pois a família nos ajuda em nossa inserção na sociedade.

Especificamente com relação às eleições deste ano, que atividades o Colégio poderia realizar, dentro e fora de sala de aula, a fim de auxiliar a escolha de Alunos e familiares?

Pedro Vicente: Debates entre políticos são muito esclarecedores e ajudam bastante na compreensão das intenções dos candidatos. Debates em sala de aula, principalmente com os Professores de História e Geografia, ajudam na escolha do candidato. Um estudo sobre partidos políticos seria muito útil, pois, muitas vezes, nos baseamos apenas nas propagandas eleitorais ou nos *slogans* dos candidatos e não no que representam para o seu país no contexto político atual. Por último, debater, em sala de aula, as ações de determinados políticos e de que forma elas afetam nossas vidas.

Fernando Molica: O fato de esta ser uma eleição municipal pode ajudar. Afinal, prefeito e vereadores cuidam de aspectos



que dizem respeito ao nosso dia-a-dia. Apesar de no Brasil a prática política ser muito complicada – o poder Legislativo, muitas vezes, não passa de uma correia de transmissão do Executivo –, acho que um processo eleitoral pode ser muito educativo. Vale organizar visitas à Câmara Municipal, à Prefeitura. Vale explicar como funciona a discussão do orçamento municipal e sua execução: o papel do prefeito, dos vereadores. É importante também checar se, na prática, a teoria da divisão dos poderes funciona. Seria importante manter a prática de trazer candidatos de diferentes partidos para discutir. Acho apenas que esse eventual ciclo de debates deveria ser precedido de uma discussão interna, que proporcionasse aos alunos mais informações sobre as práticas políticas.

Wagner Pinto: Acho que não podemos pensar apenas nessas eleições. Temos de trabalhar a cada dia pensando a médio e longo prazo. No dia 6 de maio, tivemos no São Vicente a presença da professora Cecília Coimbra. Ela conversou com os Alunos de todo o Ensino Médio sobre o que o Golpe de 64 interrompeu, sobre o que perdemos com a ditadura. O interesse e a participação dos Alunos foram contagiante. Muitos me disseram depois que a Escola precisava investir mais nesse tipo de debate. Um Aluno chegou mesmo a dizer que precisamos “politizar mais nossa Escola”, para recuperarmos uma tradição do São Vicente. Creio que um caminho para resgatarmos a “política” e incentivarmos o engajamento político de nossos Alunos seria promovermos mais debates (como os que o Grêmio tradicionalmente realiza em época de eleições), palestras e conversas, dentro e fora da sala de aula, que demonstrem que a participação consciente é o único caminho para a verdadeira transformação social. ■

Encontro com a fé e a religião: o papel das famílias

Formar agentes de transformação social, lema do Colégio São Vicente, é um desafio que vem sendo levado adiante a partir de três planos principais que, na prática, se combinam e se misturam: o pedagógico, o social e o pastoral.

As ações pastorais da Escola são baseadas nos ensinamentos e rituais católicos. Ao longo do ano, são oferecidas aos Alunos e suas Famílias muitas oportunidades de retomarem o contato com a fé e a religião. Como a chama noticiou na última edição, um grupo de mães e a irmã de uma Aluna realizou, no ano passado, o sonho de se crismar. Mas o fundamental é que esse trabalho continuou e, em 2004, outro grupo, que conta inclusive com a participação de dois pais, já está fazendo o curso com o mesmo objetivo. As atividades não param e o interesse de todos só vem aumentando. O importante, para o Colégio, é poder contar cada vez mais, com o apoio e a adesão das Famílias para essa experiência de fé. ■



Vivência da Fé

Neste primeiro semestre de 2004, formaram-se grupos de preparação de Alunos e Alunas da 5ª série, com alguns da 6ª e da 7ª, para a Primeira Eucaristia. As aulas acontecem nas quintas e sextas-feiras, antes ou depois das aulas da tarde. São preparados por vários Catequistas, Professores do Colégio, Edna, Noêmia, Neuza e José Eduardo. Os Padres também ajudam: eu, Pe. Agnaldo e Pe. Geraldo. Foram feitas reuniões com os Pais e Mães, para ajudá-los na compreensão e vivência dos valores que são propostos aos Alunos.

Se os Pais não dão o exemplo, é muito difícil que uma criança siga o caminho da religião, ponha em prática em toda a vida o que aprendeu quando pequena, viva os valores que lhe foram ensinados e propostos. Não basta que as Mães pratiquem.

Quando somos pequenos, nossos Pais nos dizem que devemos ir à missa e comungar... Quando crescemos, já não têm moral para dizer nada, se não praticam... E então em nossa cabeça fica a idéia de que religião é coisa de mulher e de criança, pois nosso Pai já parou de falar nisso...

Além da primeira Eucaristia, há um grupo de sete Alunos da 1ª e da 2ª séries que, junto com a irmã de uma Aluna, estão se preparando para o Batismo. Um deles disse ao Pai: "Já que estou estudando num Colégio Católico, quero ser católico". Semanalmente, eu os reúno, no sábado cedo, para a catequese. Talvez sejam batizados todos juntos e também pode acontecer que prefiram batizar-se separados, cada Família fazendo sua festa. Isso vai depender da própria preparação, pois o

grupo adquire sua identidade, suas preferências. Vamos ver o que virá.

E ainda há um grupo de Pais e Mães que se preparam para a Crisma ou Confirmação. Deixaram passar o tempo, quando eram novos, adolescentes ou jovens, mas sempre é tempo para cada um de nós confirmar os compromissos de seu Batismo. Esse grupo também se reúne comigo ou com Pe. Geraldo, uma vez por semana, para aprofundar os vários pontos necessários para estarem bem conscientes, ao receber a Crisma. Não aprenderão as coisas como crianças, mas já no nível adulto, que os ajudará na Família e na Sociedade.

O Colégio não é uma pequena paróquia, mas cumpre seu papel de ajudar os Alunos e Alunas e suas Famílias na aprendizagem da religião, na vivência da fé.

Pe. Lauro Palú

Festas que reforçam laços

No dia 20 de março, com uma celebração, realizada às 13 h, seguida do já famoso churrasco do Cícero, que faz parte da equipe de Zeladores do São Vicente, a APM e o Colégio homenagearam os Funcionários e Professores que aniversariaram no primeiro trimestre do ano. A festa, com direito a futebol e pagode, marcou uma nova forma de comemorar os aniversários de todos aqueles que integram a Comunidade do CSVP, como explica Maria da Graça Vasconcellos, da Compasso: “Os aniversariantes não tinham uma comemoração coletiva. Havia sempre uma lembrança (um cartão, uma mensagem) da parte da direção e, mais recentemente, da Compasso, mas era algo individual. A sugestão do atual evento partiu exatamente do desejo de passarmos a celebrar os aniversários coletivamente, ajudando a construir a Comunidade com manifestações de cuidado personalizadas”.

Com a idéia de organizar comemorações



ALEGRIA E DESCONTRAÇÃO MARCARAM A PRIMEIRA FESTA DOS ANIVERSARIANTES



para os aniversariantes ao longo do ano, reunindo-os em grupos, a Compasso procurou a APM, que não hesitou em adotar a proposta. Ela vinha ao encontro de um antigo desejo da atual Diretoria da Associação de descaracterizar a festa de Natal, realizada todo final de ano, como uma festa de troca de presentes, uma exaltação do consumo. Ao presentear os Professores e Funcionários em seus aniversários, a APM espera reservar para os festejos natalinos um sentido mais espiritual, mais cristão.

E se todos estavam de acordo com o projeto, o passo seguinte era colocá-lo em prática. Apoiada pela administração do Colégio e pela Compasso, a APM definiu o modelo e trabalhou duro na organização da primeira das quatro comemorações do ano. O resultado, segundo Graça, não poderia ter sido melhor. “A primeira experiência atingiu inteiramente seus objetivos e as avaliações foram extremamente positivas”, conta.

Para o Presidente da APM, Sergio Castiglione, a festa dos aniversariantes foi um evento bem sucedido em todos os sentidos e atingiu seus principais objetivos: valorizar a pessoa em sua data mais importante, gerar um ambiente de alegria e de união, partilhar e participar com os amigos.

Segundo ele, as festas se repetirão, com mudanças eventuais apenas na estrutura e não no espírito. “Sugiro opiniões dos próprios aniversariantes”, diz Sergio, exaltando a participação de todos na preparação das próximas três festas, que estão marcadas para os dias 19 de junho, 28 de agosto e 27 de novembro.

Procure a seção APM no site do Colégio (www.csvp.g12.br), conheça os projetos apoiados pela Associação e veja a melhor maneira de participar das novas comissões que estão sendo formadas. A sua participação é fundamental. ■



Investir na educação continuada do Professor vem sendo uma prioridade do São Vicente. E a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se preocupado em desenvolver um esquema próprio de formação permanente, adequado, no método e nos resultados, às necessidades do curso e de seus profissionais.

Até o ano passado, os Professores do curso noturno se reuniam quatro ou cinco vezes por semestre com esse objetivo. Este ano, resolveram experimentar uma nova prática. Uma vez por semestre, eles se encontram fora da cidade, para um fim de semana intensivo de trabalho.

E a primeira reunião já aconteceu. Nos dias 30 de abril, 1º e 2 de maio, 17 Professores – de um total de 21 – se hospedaram em Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro, com todas as despesas pagas pelo Colégio e direito a queijos e vinhos no sábado à noite e muito trabalho durante todo o resto do tempo. A novidade chamou tanto a atenção que a Diretora do colégio Sacré Coeur pediu para participar do fim de semana para conhecer e avaliar o modelo de educação continuada e acompanhar as discussões dos Professores.

Outros caminhos

Também como estratégia de educação permanente, o São Vicente tem incentivado a participação dos Professores da EJA em eventos científicos. O sistema de financiamento é o mesmo do curso diurno: o Colégio paga metade das despesas. O Coordenador da EJA, Hércio Alvim, confirma que o interesse dos profissionais do curso noturno é grande. Basta contar que cinco Professores da Escola vão participar do próximo congresso da Associação das Escolas Católicas (AEC), que vai acontecer de 11 a 14 de julho, em Natal, Rio Grande do Norte. Desses, dois – José Eduardo Souza e Rosa Momesso – são da EJA.

EJA desenvolve educação permanente dos Professores

Identidade de um curso

No encontro deste semestre, o grupo trabalhou na formulação do projeto político pedagógico do EJA, um esforço que havia sido iniciado já no ano passado, com a divisão de tarefas por grupos de trabalho. Depois da reunião, formaram-se subgrupos que seguirão trabalhando até o próximo encontro.

No friozinho de Miguel Pereira, importantes questões foram debatidas. Elas ainda precisam ser aprovadas pela direção da Escola, mas já formam um conjunto de reflexões e decisões que ajudam a compor a identidade do curso.

O processo de seleção dos Alunos da EJA, por exemplo deverá ser mais longo e, portanto, mais personalizado. Em relação à metodologia de ensino, os Professores optaram por trabalhar com projetos geradores, que devem influenciar todas as disciplinas, em todos os semestres, e não apenas serem agregados ao conteúdo que já está pronto. De olho nas próximas eleições municipais, o próximo projeto será “cidadania”.

Mas talvez uma das resoluções mais importantes tenha sido a disposição do grupo de assumir as

especificidades de ser EJA. Isso significa não tentar ser cópia do ensino regular, que o Colégio oferece durante o dia, nem se comportar como um preparatório para o ensino médio. Para Hércio, essa decisão representa um grande avanço porque aponta como prioridade melhorar o que já existe e investir na consolidação de um curso de Ensino Fundamental com cara de Educação de Jovens e Adultos.

Eles querem implementar, por exemplo, cursos técnicos de curta duração – hidráulica, eletricidade, artesanatos específicos –, aos sábados. O objetivo é oferecer aos Alunos a possibilidade de desenvolverem melhor as funções que já exercem ou capacitá-los para esses trabalhos.

Hércio diz ainda que o grupo tem pensado em aproveitar o programa de monitoria, pelo qual Estudantes do curso regular dão aulas de reforço para alunos da EJA, como preparatório para o ensino médio. O projeto tem sido um sucesso e, só no primeiro semestre deste ano, contou com a participação de 48 Alunos-Professores. Com isso, o sonho do Ensino Médio não fica esquecido e o curso do São Vicente pode se dedicar a ser um Ensino Fundamental para jovens e adultos cada vez melhor. ■

Em nome da saúde, os fins justificam os meios

No lugar do hambúrguer com *catchup*, peito de peru com salada. Em vez de sorvete com calda caramelada, picolé de frutas. Essa mudança de cardápio, apoiada por qualquer defensor da boa saúde e implementada nas cantinas do Colégio São Vicente desde o início deste ano, seria uma boa notícia para Pais, Alunos e Educadores não fosse um detalhe: ela foi imposta. No início de março passado, quando foi publicada a Portaria 02/2004 do Juizado de Menores do Rio de Janeiro, uma lista de alimentos foi retirada das prateleiras das cantinas das escolas cariocas, o que obrigou as instituições de ensino a se adaptarem à nova realidade. Enquanto as lanchonetes discutem a eficácia da medida e tentam encontrar alternativas, os estudantes continuam divididos sobre as vantagens da mudança. Os Pais, por sua vez, se deparam com novos problemas, como a saída dos Filhos do Colégio nos intervalos e formas de melhorar em casa seus hábitos alimentares.

O objetivo da portaria, assinada pelo Juiz de Direito da 1ª Vara da Infância e da Juventude, Siro Darlan, é intervir na merenda vendida nas cantinas para modificar os hábitos alimentares das Crianças, prevenindo o surgimento precoce de problemas como obesidade, colesterol alto e doenças cardíacas. A lista dos alimentos proibidos foi elaborada pelo Conselho Regional de Nutricionistas e pelo Instituto de Nutrição Anne Dias, cuja missão é conceber, implementar, acompanhar e avaliar, em parceria com órgãos afins, a Política de Alimentação e Nutrição no Município do Rio de Janeiro. Como critério, foi estabelecido que seriam retirados do cardápio alimentos que têm, isolada ou conjuntamente, alta densidade energética e escasso ou nenhum valor nutricional, conteúdo excessivo de gorduras em geral, de gorduras saturadas, de açúcar e de sal. Assim, foram proibidos frituras, refrigerantes, embutidos, sorvetes e picolés cremosos, caldas carameladas, balas e guloseimas de açúcar, entre outros alimentos. No caso dos refrigerantes e isotônicos, uma liminar obtida pelos fabricantes liberou a venda.



O impacto da medida

O primeiro impacto da portaria foi econômico. Os produtos considerados proibidos representam cerca de 70% das vendas da cantina A. Xavier, no São Vicente. Para recompor seu cardápio, a lanchonete tratou de substituir os itens excluídos por outros que se enquadrassem nos critérios da medida. A solução foi criar opções como sanduíches de queijo minas, peito de peru cozido ou defumado e banana com queijo; empanados assados; balas e doces sem açúcar; sucos e picolés de fruta.

A rejeição, no entanto, foi grande. Nos dois primeiros meses de vigência da portaria, o faturamento da cantina caiu 60%. Sem poder comprar o que comiam antes, muitos Alunos optaram por trazer lanche de casa ou, no caso do Ensino Médio, sair para lanche em estabelecimentos nos arredores da Escola. Dos 350 Alunos desse segmento, 91 têm autorização dos Pais para sair do Colégio no momento que desejarem. Apesar de não ser expressivo, o número representa um aumento de mais de 25% com relação ao do ano passado, quando 72 Alunos tinham a saída liberada.

Para a Coordenadora do Ensino Médio, Cristina Caldas, no entanto, esse aumento não pode ser creditado

simplesmente à implantação da nova lei. “Como a autorização é pedida pelos Pais, não cabe ao Colégio questionar o motivo. Uma pesquisa poderia até ser interessante, mas atualmente nós não podemos afirmar que foi apenas a mudança do cardápio que gerou esse aumento. Antes mesmo da medida, havia Alunos que preferiam se reunir em grupo para lanche na padaria”, justifica Cristina, lembrando que não houve reação explícita contra a lei, nem dos Alunos nem dos Pais. “Os maiores questionamentos dos Alunos foram sobre o poder das empresas, que conseguiram liminar para ficar de fora da lei, e sobre o caráter impositivo da medida”.

Como educadora, Cristina Caldas tem algumas dúvidas sobre a eficácia da portaria em cumprir seus objetivos. “Sem questionar a intenção do juiz, que considero legítima, e até mesmo elogiando o enfoque na saúde e não no regime para emagrecer que orientou a lei, eu tenho algumas críticas à forma como a questão foi conduzida. Problemas de hábitos alimentares não podem ser resolvidos unilateralmente na Escola e nem por meio de uma portaria. A alimentação é uma prática que começa na Família desde que a criança nasce. Ao Colégio, como parceiro na educação, cabe ajudar, oferecendo opções de consumo para

Município vai capacitar cantineiros

Ciente das dificuldades que a mudança de cardápio vem trazendo para as cantinas escolares, o Instituto de Nutrição Anne Dias (Inad) está planejando a realização de oficinas de capacitação com foco no preparo de receitas saudáveis e atrativas para as crianças. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 2295-7448 ou pelo e-mail inad@pcrj.rj.gov.br.

O Inad também disponibiliza na internet as apostilas do projeto “Com gosto de saúde”, cujo objetivo é subsidiar educadores em atividades pedagógicas sobre alimentação, saúde e nutrição no cotidiano das escolas; promover a saúde da comunidade escolar divulgando hábitos alimentares e estilos de vida saudáveis e valorizar a dimensão educativa do Programa de Alimentação Escolar. Os interessados devem entrar no site da Secretaria Municipal de Saúde (www.saude.rio.rj.gov.br) e clicar sobre “Nutrição”, na seção “Ações em Saúde”.

os Alunos; cabe aproveitar os conteúdos programáticos das diferentes matérias para mostrar os benefícios de uma alimentação saudável. De que adianta proibir as crianças de comer besteira no Colégio se em casa o almoço é batata frita?”, questiona, lembrando que, mais uma vez, é preciso que todos assumam sua parcela de responsabilidade no desafio da mudança de hábitos alimentares.

Corrida contra o tempo

Para a gerente da cantina, Anilúcia Xavier, a mudança repentina do cardápio não surte o efeito desejado pelo juizado e expõe as Crianças em vez de protegê-las. “Se a preocupação é a saúde, creio que a situação piorou, porque lá fora a maioria dos vendedores não tem a mesma higiene e a preocupação com armazenamento e manuseio que temos aqui”, opina.

Anilúcia também critica a lógica da portaria, que pretende mudar os hábitos alimentares das Crianças proibindo todos os alimentos de uma só vez. Para ela, além de não dar tempo para adaptação das cantinas, o corte radical no cardápio faz com que Pais e Alunos busquem alternativas para manter sua dieta normal, em vez de optarem por mudar seus hábitos alimentares. “Já tínhamos uma cantina natural e a idéia era justamente



oferecer uma opção saudável que modificasse o hábito alimentar dos Alunos aos poucos. Isso é trabalho para uma geração inteira e não só nas escolas. A opinião do juizado é que, mesmo para ter resultado em longo prazo, é preciso cortar tudo de uma vez. Mas cortar onde? Na cantina? As Crianças continuam comendo os alimentos proibidos em casa e, no caso dos Alunos do Ensino Médio, do lado de fora do Colégio, que não pode impedi-los de sair caso tenham autorização dos Pais. Se o número de alimentos proibidos fosse aumentando aos poucos, a queda no faturamento seria menor e os resultados da proibição seriam bem maiores”.

Apesar das críticas, Siro Darlan parece disposto a fazer cumprir a lei, mesmo estendendo o prazo de adaptação das cantinas para julho. Até lá, comissários do juizado que estão visitando as escolas se limitam a emitir um ofício elogiando as instituições que já conseguiram se adaptar ou lamentando a falta de empenho. A partir de julho, os estabelecimentos que estiverem de acordo com a lei ganharão um selo de qualidade, mas os que ainda estiverem vendendo alimentos proibidos serão multados em até 20 salários mínimos.

Em busca de soluções

Se as dificuldades geradas pela portaria são muitas, o jeito é usar a imaginação e botar a criatividade para funcionar. Com o apoio das Coordenadoras dos dois primeiros segmentos do Ensino Fundamental, Marlene Bluhm e Liliane C. dos Santos, a gerência da cantina lançou o programa Merenda Saudável. A idéia foi criar um cardápio mensal de alimentos alternativos, que foi enviado por circular aos Pais dos Alunos de 1ª a 4ª série. A circular propunha a adesão ao projeto pelo valor de R\$ 2,50 por dia e trazia uma lista de alimentos que incluía pizzas, sucos, bolos,



Alimento Diet e Light: Qual a Diferença?

Na busca por uma alimentação mais saudável, muitas vezes as pessoas centram seu consumo em alimentos diet ou light. Mas você sabe o que diferencia um do outro?

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o termo diet deve ser usado em alimentos para dietas especiais, com restrição de açúcares, sódio, gorduras, colesterol, aminoácidos ou proteínas e em alimentos para dietas de controle de peso. Dessa forma, são considerados diet os alimentos sem açúcar, que podem ser consumidos por diabéticos; os sem sal, indicados para os hipertensos; os sem gordura, próprios para quem tem problema de colesterol alto. O fato de um alimento ser diet não significa que ele tenha baixo teor calórico. O chocolate diet, por exemplo, é indicado para as pessoas diabéticas porque é isento de açúcar, mas não serve para quem quer perder peso, já que, por conter mais teor de gordura, tem valor calórico praticamente igual ao do chocolate normal.

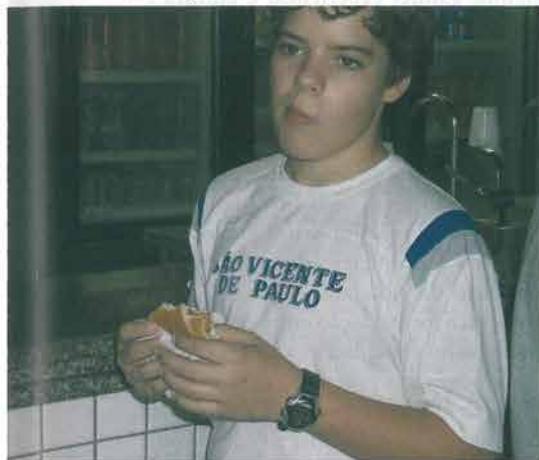
O termo *light*, por sua vez, é empregado em alimentos que apresentam teor calórico, no mínimo, 25% menor do que o alimento convencional. Para que isso ocorra, não é preciso que se elimine totalmente algum nutriente, basta que se reduza a quantidade dos nutrientes energéticos (carboidrato, gordura ou proteína). Os alimentos light, portanto, são indicados para pessoas que querem consumir menos calorias e que não tenham doença que imponha restrição alimentar.

Como se pode perceber, a confusão é compreensível. O importante é adquirir o hábito saudável de ler os rótulos dos alimentos para ver se eles atendem suas necessidades específicas e individuais de consumo.





DANIEL ESTEVES E GABRIEL PARADELA, ALUNOS DA 6ª SÉRIE, APROVAM AS MUDANÇAS NO CARDÁPIO DA CANTINA



sanduíches e frutas. O resultado, no entanto, ficou aquém do esperado. Dos 432 Pais que receberam a proposta, apenas 67 aderiram ao Merenda Saudável. “Mesmo assim, há Crianças que não comem frutas nem tomam sucos. No dia de suco de melancia é uma loucura, as Crianças choram e largam os copos cheios pelo pátio,” lamenta a gerente Anilúcia Xavier, desabafando: “Os Pais reagiram melhor à proposta que os Alunos. A maioria dos Responsáveis que conversaram conosco acha bom que seus Filhos tenham uma alimentação leve e balanceada, mas as Crianças não têm esse hábito em casa. Não posso assumir a responsabilidade de mudar a dieta de um Aluno de uma hora para outra. Como posso convencer uma Criança a não comer hambúrguer?”.

Na opinião de Marlene Bluhm, o problema da má alimentação é consequência direta da correria da vida moderna: “Os Pais precisam trabalhar muito para manter a casa e acaba não sobrando muito tempo para dedicar aos Filhos. As Crianças crescem sob a influência da babá eletrônica e se alimentando de comidas ‘entupitivas’ e pouco saudáveis. Depois que o hábito alimentar se forma, fica difícil mudá-lo”. Ela, no entanto, confia na intensão de defesa da saúde que embasa a lei. “Eu acredito firmemente que o juiz teve os melhores propósitos e se baseou em princípios legítimos”, afirma, lembrando que há algum tempo um pequeno grupo de Pais mostrou preocupação quanto à

Capa

alimentação servida na Escola para as Crianças e que esse foi um dos motivos que levou o Colégio a criar a cantina natural. “A lei, como a que proibiu o fumo nas escolas, é radical, mas pode vir a causar bom resultado ao longo do tempo. A alimentação saudável é um tema que vem sendo discutido ultimamente e já existe uma parcela de jovens que se alimentam de forma mais crítica. Para eles, a alimentação saudável é usada até mesmo como arma de sedução. Optar por comer uma maçã na merenda em vez de um saco de batata frita pode ser bastante charmoso”, brinca Marlene.



Discussões à parte, vale ouvir a opinião de alguns Alunos que, por conta da lei, passaram a se alimentar melhor e aprovaram a mudança. É o caso de Daniel Esteves, de 11 anos, aluno da 6ª série, que deixou de tomar picolé no recreio para fazer um lanche completo. “Achei boa a troca da merenda porque prefiro essa refeição mais *light*”. O colega Gabriel Paradela, de 12 anos, faz coro. “Não comia os outros sanduíches porque eram gordurosos. Na hora do recreio, eu só tomava guaraná. Agora como sanduíches como o de queijo minas, que adoro”. ■

Ana Beatriz de Noronha
Rodrigo Cerqueira

Com a mão na massa

Para quem já curte uma alimentação mais leve e nutritiva ou para quem quer aprender a comer de forma mais saudável, a *chama* dá uma boa dica e deseja bom apetite.

QUIBE DE SOJA

Ingredientes: 250g de proteína texturizada de soja (escura); 250g de trigo para quibe; 3 cebolas grandes; 1 copo de requeijão *light*; hortelã e cheiro verde à vontade, alho, sal e pimenta síria ou do reino. Azeite para untar o tabuleiro.

Modo de preparar: Colocar a proteína de soja de molho na água quente e deixar esfriar. Colocar o trigo de molho em água fria por meia hora. Espremer bem os ingredientes num pano para retirar o máximo de água possível. Juntar os temperos bem picadinhos e o requeijão. Temperar com sal e pimenta a gosto. Colocar em tabuleiro untado, marcar as linhas de corte, regar moderadamente com azeite e assar em forno médio. Deixar esfriar um pouco antes de tirar da forma.

APESAR DAS RECLAMAÇÕES, ALUNOS FAZEM FILA NA HORA DO LANCHE



Feira do trabalho: uma boa opção para o vestibular

Entra ano, sai ano e a história se repete para os Alunos da 3ª série do Ensino Médio: é hora de escolher uma profissão ou, pelo menos, o curso universitário a seguir.

A decisão é sempre acompanhada de muitas dúvidas e, conseqüentemente, de insegurança. As possibilidades são enormes, pois o leque de opções é cada vez maior.

Para ajudar os Estudantes nesse importante momento de vida, a equipe de Orientação Educacional (SOE) desenvolve no Ensino Médio, o Programa de Orientação Profissional, que engloba diferentes iniciativas, dentre as quais, a Feira do Trabalho, cuja versão 2004, realizada no dia 27 de março, misturou tradição e novidade.

Reeditando o que deu certo

Como nos anos anteriores, o Colégio convidou um grupo de Instituições de Ensino Superior para, segundo a orientadora Maria Eleonora Caldeira, “mostrar aos Alunos seus cursos mais conhecidos e reconhecidos”. Representantes de dez instituições participaram do “Encontro com as Universidades”, distribuindo material informativo e conversando com os Alunos.

No Laboratório de Informática, o bis foi da “Oficina de Curiosidades Profissionais”, na qual os Alunos têm acesso a vasto material sobre profissões variadas e podem realizar divertidos exercícios de vocação profissional.

Para aqueles que gostam da área de Ciências da Saúde, a pedida era bater um papo com os profissionais da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que mostravam o trabalho do biólogo e sua contribuição para a sociedade. Para quem se encanta com a Física, não faltaram experiências com os professores Renato, Bira e Hugo, do CSVP.

Cerca de 20 Pais participaram de uma oficina coordenada por Eleonora e pelo Professor Fernando Vale Castro. Eles puderam conversar sobre o a possibilidade de a Família ajudar na escolha profissional

dos Jovens não por meio da pressão ou da imposição, mas pelo estímulo ao desejo: “Pelo lado financeiro, é muito difícil decidir, pois as dificuldades de mercado ocorrem em todas as áreas. Dessa forma, o diferencial para o sucesso profissional está ligado diretamente ao desejo, à realização de estudar e trabalhar naquilo que se gosta”, explica Eleonora.

Incrementando o evento

A grande novidade da Feira deste ano foi a substituição dos Painéis das Profissões, que estão sendo realizados ao longo do ano, por mesas-redondas com ex-Alunos que estão na faculdade. A idéia não era que eles falassem das profissões que escolheram, mas que compartilhassem experiências de vida. “Nós queríamos que nossos Alunos percebessem diferentes aspectos do mundo universitário como, por exemplo, as dificuldades e as vantagens de se deixar um ambiente acolhedor, no qual você é conhecido pelo nome, para virar apenas um número de matrícula”, esclarece Eleonora.

Nas salas lotadas, os Alunos ouviram atentos os depoimentos dos colegas. Para Leonardo Levis, que está cursando Cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF) e participou da mesa de Comunicação, um dos pontos positivos da vida universitária é a possibilidade de conhecer pessoas de

ALUNOS PARTICIPAM DA OFICINA DE CURIOSIDADES PROFISSIONAIS

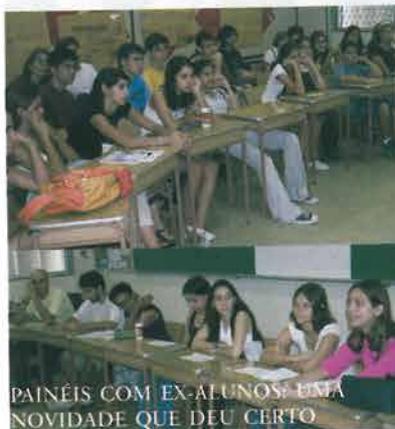


realidades sociais e geográficas totalmente distintas. O lado negativo fica, segundo ele, por conta dos “professores picaretas”.

De Vanessa Pinheiro, que saiu do São Vicente em 1996, o exemplo foi de quem nem sempre a primeira opção precisa ser definitiva. Ela primeiro cursou direito na Gama Filho, depois resolveu estudar Moda na Estácio de Sá e se sente realizada. “Eu não perdi tempo, como pensam alguns, ganhei experiência e cultura”, afirmou.

Oficina “Trabalho e Cidadania”

Um belo exemplo de participação social foi dado pelo pessoal da “Direito de Saber” (www.direitodesaber.net), uma organização civil, sem fins lucrativos, criada por jovens Alunos de Direito, cujo objetivo é propiciar educação para o exercício da cidadania. A oficina, que enfocou a forte relação entre o mercado de trabalho e o cidadão, começou com duas pequenas palestras: o advogado Demian Guedes falou sobre a evolução do conceito de cidadania e Pedro Wolff sobre a importância das relações trabalhistas nos dias de hoje. Mediado pelo professor Tiago Madruga, um debate com os Pais, Alunos e Professores presentes ampliou a discussão sobre o que significa ser cidadão-trabalhador e de que forma as leis podem proteger o empregado. ■

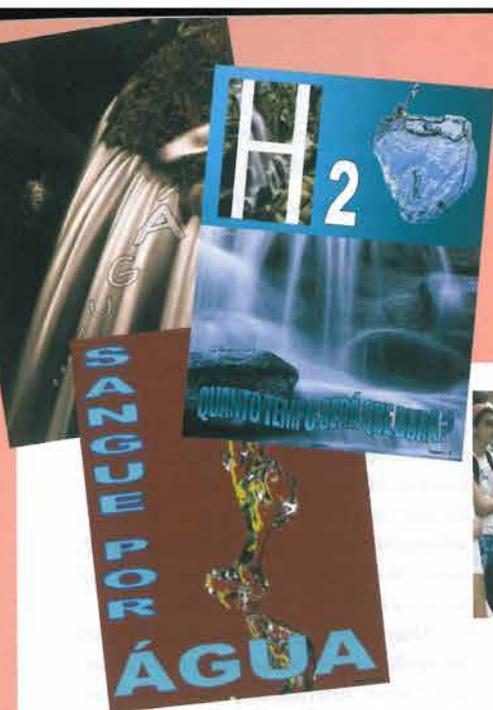


PAINÉIS COM EX-ALUNOS: UMA NOVIDADE QUE DEU CERTO



PROFISSIONAIS DA ONG “DIREITO DE SABER” FALAM SOBRE TRABALHO E CIDADANIA

Feira de Linguagens: Um mergulho profundo na questão da água



ACIMA: TEATRO DA 8ª SÉRIE, “MERGULHO” NA INSTALAÇÃO *SUBMERSO* E ATRAIU A ATENÇÃO DE TODOS. ABAIXO, EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA E TRABALHO SOBRE A BAÍA DE GUANABARA

Apenas 3% da água existente no planeta é potável e somente 1% desse total fica na superfície, em rios, lagos, açudes e represas. Apesar de ser um bem tão escasso e, portanto, precioso, a água sempre foi tratada com grande descaso. Hoje, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e outros organismos internacionais, 1,2 bilhão de pessoas não têm água de qualidade para beber e 2 milhões de crianças morrem anualmente devido a doenças causadas por água contaminada.

Os números são alarmantes, mas só recentemente o mundo despertou para o problema do esgotamento dos recursos hídricos e setores da sociedade começaram a se organizar para conscientizar a população sobre o uso racional da água. A água virou uma questão social. Como tal, inspirou a Campanha da Fraternidade 2004, cujo tema é “Água, fonte de vida”, e se transformou no principal objeto de reflexão da Feira de Linguagens deste ano, realizada no São Vicente, no dia 29 de maio.

Pra começo de conversa

Logo na entrada, a atenção dos visitantes era atraída por um dos trabalhos da 1ª série do Ensino Médio, que utilizou o próprio cartaz da Campanha da Fraternidade como ponto de partida. Segundo o professor Mário Sérgio Medeiros, a proposta era que os Alunos discutissem os elementos visuais da peça publicitária nas aulas de Arte, Cultura e Comunicação e criassem livremente seus pôsteres sobre o tema. O resultado foram 20 cartazes produzidos no laboratório de informática e impressos na mecanografia, que ornamen-

tavam a entrada do Colégio São Vicente no dia do evento.

Seguindo a onda, os visitantes mergulhavam no mundo de *Submerso*—instalação de grande beleza plástica, produzida pelos Alunos da 6ª série, sob orientação da professora Cacau (Artes)— e se encantavam com a exposição fotográfica *Os jeitos de ser da água*, composta por 152 imagens captadas por Pe. Lauro Palú no Caraça.

A Baía da Guanabara em foco

Diversos trabalhos trataram do problema da poluição na Baía da Guanabara e houve até quem denunciasse o fracasso do Programa de Despoluição da Baía após dez anos de implantação, como foi o caso das Turmas de 8ª série, orientadas pela professora Isabela.

Mas se a idéia era fazer uma viagem pelo tema da água, quem levou a proposta mais ao pé-da-letra foram os Alunos da 3ª série do Ensino Fundamental. Num passeio de barco pela Baía da Guanabara, eles puderam apreciar as belas paisagens

desse cartão postal do Rio e, ao mesmo tempo, ver de perto os danos que a poluição está causando ao patrimônio natural. O resultado dessa experiência foram desenhos feitos pelas Turmas e expostos no corredor do primeiro andar, que retratavam marcos da paisagem carioca como o Pão de Açúcar e a Ilha das Cobras. A exposição era um convite para que o visitante ouvisse o alerta que saía da sala 16, onde a 3ª série mostrou o bom uso da Baía para esportes aquáticos e turismo, desde que ela seja despoluída.

Um lugar de destaque foi dado aos botos que vivem na Baía da Guanabara. A partir da matéria jornalística “Visitantes não! Moradores”, publicada na revista *Veja* (10/03/2004), os Alunos prepararam resumos falando do grupo de aproximadamente 70 animais e do projeto Maqua (mamíferos aquáticos), desenvolvido por pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “Apesar da sujeira, a baía não é um ambiente morto e, para esses bichos brincalhões, o lixo vira diversão”, dizia o texto da Turma 31, lembrando que





ATIVIDADES DIVERSAS CHAMAM A ATENÇÃO DOS VISITANTES PARA O PROBLEMA DA ÁGUA.



ainda há tempo para se fazer alguma coisa em favor da baía. O trabalho envolveu as disciplinas de Ciências, Língua Portuguesa e Geografia.

Na sala ao lado, a 4ª série montou a oficina de música *Mestre-sala dos mares*, na qual, usando poemas e letras de canções como “Estrangeiro” (Caetano Veloso), “Ave Baía” (Gilberto Gil) e “Meninos, eu vi” (Chico Buarque), mostrou a importância dos mangues para a manutenção do ecossistema da Baía da Guanabara.

Diversas linguagens, diversas mídias

A música foi uma das linguagens que mais atraíram Alunos e visitantes na Feira, mas o que encantava era a miscelânea de formatos e meios de expressão utilizados para comunicar os temas escolhidos.

Um dos trabalhos visualmente mais impressionantes foi a instalação *Imaginassom*, dos Alunos da 1ª série do Ensino Médio. Numa sala totalmente coberta com tecido preto, eles contrastaram a seca e o desperdício, escrevendo a giz letras de músicas como “Tenho sede” (Dominguinhos e Anastácia), “Planeta água” (Guilherme Arantes) e “Timoneiro” (Paulinho da Viola).

“O livro caindo na alma é germe que faz a palma. É chuva que faz o mar. Livros, discos e vídeos, a mão cheia. E deixem que digam, que pensem e que falem”. Esse pequeno poema, escrito pelo Professor Maurício Krause, preparava o espírito de quem visitava a instalação *Imagens de água e seca*, preparada pelas Turmas de 2ª série do Ensino Médio, com ajuda da Professora

Marlene Araújo. Inspirados, os Alunos juntaram maquetes, informática, teatro, música, literatura e cinema para dar o seu recado. E que recado!

Ao som de “Águas de março” (Tom Jobim), o 3º ano montou a exposição *Biologia & linguagem*, que alertava para a destruição acelerada das fontes de água potável no mundo ao mesmo tempo em que cresce a demanda. Usando o DNA e as teorias darwinistas para representar a escassez do líquido como ameaça à sobrevivência humana, os Alunos lembravam que a água pode ser uma forte fonte de conflitos entre os países no futuro. Razões para isso não faltam e o trabalho ressaltava os números da crise: nos últimos cem anos, a necessidade de água para a vida no planeta aumentou seis vezes e, segundo a ONU, dentro de 25 anos, três bilhões de pessoas não terão o líquido em quantidade suficiente para suas necessidades básicas.

Super-heróis...

Criatividade também não faltou aos Alunos das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Com a exposição *Foi um rio que passou em minha vida*, eles lembraram a importância do Rio Carioca para o abastecimento de água da cidade no passado e como ele foi destruído pela poluição e pelo crescimento urbano desordenado. A sala 13 foi tomada por desenhos de super-heróis ecológicos como Estrela da Água, Limpinha, Super Tampão e Higiênica, que usam seus poderes para proteger o Rio Carioca. Enquanto uns usavam armas como redes e um superpapel pega-mosca para limpar o rio, outros lançavam mão do poder de hip-

nose para conscientizar as pessoas a não jogar lixo em suas águas.

...e poesia a serviço da água

“Água que puxa água
Açude que pega água
Água que cai da chuva
Chuva que molha a terra
Terra que dá o verde
Verde que dá esperança
Verde que nos faz ficar
Com água nos olhos”

(Daniel Peixoto e Ian, turma 62,
Água que puxa água)

Numa abordagem crítica e responsável do uso da água em nosso planeta, as Turmas de 6ª série, orientadas pelas Professoras Mônica (Geografia) e Luciana (Língua Portuguesa), fizeram “chover” poesia e arte na sala 12. A partir de notícias de jornal, eles debateram o tema e puseram mãos à obra para transmitir sua mensagem aos visitantes. Pelas paredes muitas charges e, em gotas de cartolinas pendentes do teto da sala, muita poesia e arte.

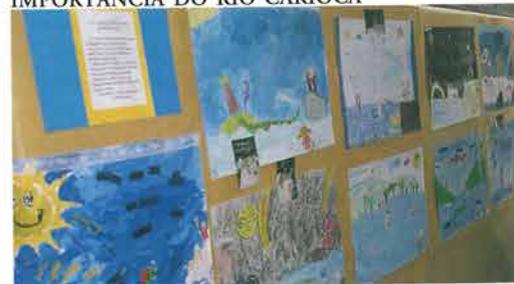
“A água, um dia acaba
e a morte, ela aguarda.
A sede está aumentando
e as pessoas lamentando.
Nosso sorriso diminuirá
e as lágrimas vão britar.
Mas eu não quero chorar,
pois a água irei desperdiçar.”

(Lucas e Luiza, turma 62, *Lágrimas de água*)

E teve mais, muito mais

Impossível descrever os quase 50 trabalhos e atividades desenvolvidos durante a Feira. Teve teatro, coral, balé do projeto

EM DESENHOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL FALAM DA IMPORTÂNCIA DO RIO CARIOCA





“Dançando para não dançar”, Escola de Samba Curicica do Amanhã, aula de maxixe e rock, com a professora Ilana, artesanato com o pessoal do Grauninha, feira de livros, oficina de móveis de PET e teve até uma apresentação sobre a desconhecida energia orgônica e suas aplicações. No ginásio, os visitantes puderam ver e ouvir a Companhia Carroça de Mamulengos, o grupo de contadores de história Juliana Manhães e o coral infantil Loas e Luas, com a professora Norma. Não faltou informação e diversão para todas as idades.

No trabalho dos Alunos do Curso Noturno, *A Via Crucis da Água* (veja na 3ª capa), as pessoas se emocionavam com a história do caminhoneiro Miguel Marques Soares, o Guga, integrante de um pequeno grupo de moradores da comunidade Asa Branca, em Curicica, Zona Oeste do Rio de Janeiro, que, cansado de esperar pelo poder público, arregaçou as mangas, construiu um sistema de esgoto e faz a limpeza periódica do Rio Pavuninha.

Para quem queria dar boas risadas, uma das opções foi o vídeo *Pombos: a nova espécie dominante do planeta*, feito pelos Alunos Cauê Capillé, Gustavo Castro, André Valois, Nicolau Lage e Robson Gomes (2º A), que integrou a mostra sobre Ecologia Urbana, sob responsabilidade do professor Roberto Benetti.



Ação Pedagógica



ARTE E CULTURA ENTRETÊM VISITANTES.



Na hora de recobrar o fôlego, a pedida era o Café Musical, organizado pela Associação de Pais e Mestres (APM) com a ajuda de um grupo de Pais. Além do lanche, o Café ofereceu excelente música ao vivo, com voz e violão de Marcelo – compositor, entre outras, da música *Abre Coração*, e pai do aluno Marcelo (T. 13) – e voz e teclado de Ricardo “Duna” – pai dos alunos Henrique (T.61) e Luíza (T. 53) e dono do Estúdio Verde, onde foi gravado o CD de Natal do Coral Loas e Luas, patrocinado pela APM. Do grupo, participou ainda o Aluno Tomaz (2º C), tocando teclado.

Missão cumprida

A Feira só durou um dia, mas a expectativa de todos é que, aos poucos, a mensagem se espalhe e as pessoas se conscientizem de seu papel, como escreveu a aluna Luisa Valeriane, da turma 32, ao bolar uma estratégia de conservação das águas da Baía da Guanabara: “[O Colégio] poderia falar para os Alunos falarem para os Pais. Os Pais falam para os amigos e os amigos falam para outros amigos. Enfim, para não poluir a Baía”.

Quanto ao sucesso do evento e o tratamento que vem sendo dado à questão da água pelo Colégio, não há do que duvidar. Segundo Pe. Lauro, os objetivos da Campanha da Fraternidade deste ano foram alcançados de diversos modos e em vários níveis. “Muitos pais têm elogiado a escolha do tema e comentado o cuidado das crianças, em casa, quando sentem que há desperdício. No Colégio, os pequenos reclamam quando vêem os Zeladores lavando o pátio com água, e devo explicar que lavar pode, não pode é ‘varrer’ com água, como muita gente faz com as calçadas”, conta o Diretor, ressaltando que a simples quantidade de gente que veio ver a Feira de Linguagens mostrou que, além do convite e da circular enviada para os Pais, também houve boa divulgação por parte dos Alunos, que comentaram com familiares sobre seus trabalhos e sobre a urgência do tema. “Foi uma das Feiras mais concorridas, graças ao empenho de Professores, Alunos e Pais que colaboraram, dos Funcionários incansáveis, da APM e de muitos convidados de fora”, conclui. ■

Ana Beatriz de Noronha
Rodrigo Cerqueira



ACIMA: CAFÉ MÚSICAL.
ABAIXO: VIA CRUCIS DA ÁGUA.



Ensinando e aprendendo pela web

Desde o início deste ano, o acesso à Internet para alunos já é uma realidade no São Vicente. A demanda era antiga, a necessidade pedagógica também, mas algumas preocupações tornaram o processo mais lento.

Teresa Gouvea Guedes, responsável pela biblioteca, espaço onde foi instalada a infra-estrutura para pesquisa na *web*, conta que a Escola passou muito tempo refletindo sobre essa iniciativa. Afinal, não era possível negar a importância da Internet como fonte de informação e, conseqüentemente, como ferramenta pedagógica. Além de pequenas questões operacionais, o desafio era pensar na melhor maneira de oferecer esse acesso, garantindo que ele não fosse usado para visitas a sites “não-adequados”, como os de conteúdo de sexo e violência. Outro problema era qualificar a pesquisa, incentivando os Alunos a não usarem qualquer site como referência, identificar fontes legítimas e não aproveitar a dispersão da *web* para copiar todo o conteúdo, como se aquele trabalho de casa pudesse ser encontrado pronto.

Todos esses pontos foram contornados com a participação ativa do Grêmio do Ensino Médio na discussão. O Greco se reuniu com os Profissionais da biblioteca e com o Conselho Pedagógico para criar um conjunto de regras para a utilização da Internet. Depois, foi de sala em sala convencer os Alunos a se comprometerem com elas. “Eles fizeram pressão para acelerar o processo e nos ajudaram a desenvolver com os Alunos um acordo de corresponsabilidade”, diz Teresa. O resultado foi uma boa dosagem entre compromisso, confiança e algum controle.

Regras de acesso

Quando chega à biblioteca para acessar a Internet, o Aluno assina uma pasta, na qual ficam registrados seu nome e horários de navegação. A princípio, todos os sites estão bloqueados. A liberação acontece caso a caso, a pedido do Aluno, com um atendimento realmente personalizado. Funciona assim: o Aluno quer fazer uma pesquisa e pede acesso,



por exemplo, a um site de busca. Encontrando o que quer, os endereços selecionados vão sendo liberados aos poucos pelos Profissionais da biblioteca. O desbloqueio pode ser definitivo ou só para aquele momento específico.

O acesso à Internet foi disponibilizado para atender ao objetivo da pesquisa, mas, claro, há exceções. Quando a sala está vazia e os computadores estão desocupados, eles podem dar uma espiada no e-mail ou buscar temas de interesse não necessariamente ligados a um trabalho da Escola. “Eles pedem muito para ver a situação das ondas, por causa do *surf*”, conta Teresa.

Mas quando o assunto é trabalho mesmo, utilizar a Internet no Colégio pode ser um jeito de aproveitar o tempo. Julia Moraes, da turma 52, diz que tem utilizado muito essa nova ferramenta. Ela tem acesso à Internet em casa, mas prefere fazer as primeiras buscas na Escola, aproveitando a presença dos colegas de turma, principalmente quando está fazendo um trabalho em grupo. Ela usa apenas os sites de busca, anota os endereços que julga interessante sobre o tema pesquisado e deixa para aprofundar o trabalho em casa.

Efeito cascata

A disponibilização do acesso à Internet na biblioteca é voltada principalmente

para Alunos do Ensino Médio. Mas, mais uma vez, têm acontecido exceções. E das boas. De vez em quando, aparece um pequenino do Ensino Fundamental precisando dar uma espiada na rede. Se estiver tudo calmo por lá, tudo bem. Outra surpresa é a procura de alguns Professores, muitos dos quais raramente – ou nunca – visitavam a biblioteca e são então apresentados ao acervo do Colégio. Teresa aponta ainda um possível reflexo indireto positivo dessa iniciativa: os funcionários da Escola, alguns com pouca possibilidade de acesso à *web*, poderiam aproveitar a oportunidade nos horários em que a biblioteca está normalmente vazia, como a hora do almoço.

O que vem por aí

Para implementar essa iniciativa, o Colégio teve que instalar banda larga em todos os departamentos com acesso à Internet, que ainda são muito poucos. Por enquanto. O próximo passo, já planejado, é disponibilizar o acesso nas salas dos Coordenadores. Aos poucos, a *web* vai ocupando seu lugar no dia-a-dia do São Vicente como ferramenta educacional. “A Internet é rápida, aumenta a comunicação entre as pessoas e facilita as buscas. É uma linguagem muito próxima da do Aluno e, se bem trabalhada e qualificada, pode ser um instrumento muito eficaz. E a biblioteca é um espaço para isso.”, resume Teresa. ■

Era uma vez um projeto...

A idéia de um logotipo olímpico surgiu, em Paris (1924), na sétima olimpíada da Era Moderna. Nos jogos de Amsterdã (1928), não houve logomarca, que ressurgiu na competição de Los Angeles (1932) e se manteve, sem interrupções, até os dias de hoje. No início, elas pareciam brasões. Só em Berlim (1936) e, principalmente, Londres (1948), passaram a ser marcas de fato.

Essa é uma breve história das logomarcas dos Jogos Olímpicos. Mas você sabe qual é a história do logotipo olímpico vicentino? ■

LOGOTIPO OLÍMPICO VICENTINO

No decorrer do ano 2000, a professora Sandra Maria Motta Marques, da 2ª série do ensino fundamental, me propôs, através de um projeto, um concurso para a criação de um símbolo para nossa olimpíada interna. Esse projeto, de caráter interdisciplinar, visava à elaboração de um trabalho integrado, tendo como tema a Olimpíada de Sydney e como objetivos propiciar socialização e tratar de questões relativas ao esporte, assim como dinamizar o conteúdo programático das disciplinas. “Queremos que as Crianças conheçam outros povos e culturas e adquiram noções de ganhar, perder e competir”, escreveu Sandra, em seu projeto original.

Como embasamento teórico, o projeto apresentava: “Os princípios didáticos, que fundamentam essa proposta voltam-se para uma aprendizagem significativa, em que o Aluno constrói o seu conhecimento, atribuindo sentido próprio aos conteúdos e à transformação da informação, procedente dos diferentes saberes disciplinares, não-disciplinares, míticos e de senso comum... Dessa forma, é importante que o Professor, através de uma prática mais desafiadora e criativa, possa identificar, no trabalho com projetos a possibilidade de tornar o ensino mais dinâmico, com conteúdos diversificados, contextualizados, desenvolvendo no Aluno capacidades, habilidades e atitudes necessárias para o processo de aprendizagem. Este projeto busca enfatizar os temas transversais a partir de situações e informações de interesses dos Alunos e Professores”.

Partindo desses princípios, foram programadas várias atividades, tais como: pesquisas sobre a história olímpica, os países participantes, as cores das suas bandeiras e sua localização no globo terrestre, fatos interessantes ocorridos nos jogos anteriores, a participação dos atletas brasileiros, etc.

Como, naquele momento, nossa olimpíada se aproximava, esse projeto gerou grande motivação em nossos Alunos da 2ª série, sendo estendido também aos Alunos da 1ª série. Diante da riqueza do projeto e da disponibilidade dos Professores envolvidos, ofereci total apoio para a sua realização, que ocorreu de forma brilhante.

Os Alunos construíram suas propostas para o logotipo e, através de uma eleição, apuramos o trabalho vencedor que, naquele ano, foi elaborado pelos Alunos Lucas Gogolevsky Farias Sá de Araújo e Rodolfo Damiani Albuquerque, com o projeto denominado, por eles, de “Olivence”. Os ganhadores desfilaram na abertura da olimpíada, empunhando o logotipo selecionado.

Com o sucesso da primeira experiência, ficou estabelecido que o projeto “Logotipo Olímpico Vicentino” passaria a ser realizado anualmente, com as 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental, sendo os trabalhos vencedores apresentados na abertura da olimpíada interna. Maíra Tavares e Silva, com o projeto “Sorvete” (2001); Bruno Niquet Guarita, com o projeto “Bola” (2002) e Mateus Costa de Mattos, com o projeto “Taça” (2003) foram os vencedores nos anos subsequentes.

Devido ao empenho e ao interesse dos Alunos, e como forma de valorizar o projeto, a partir do ano de 2002, o logotipo vencedor passou a ser estampado na medalha olímpica a ser oferecida aos participantes dos jogos.

Eis os depoimentos de alguns dos nossos ganhadores: “Adorei! Me senti um bambam-bam” (Lucas); “Me senti alegre, feliz e com orgulho de mim mesmo” (Rodolfo); “Eu adorei! Nem imaginava que iria ganhar. É difícil por ser toda a 2ª série e 1ª série” (Bruno).

Em 2004 teremos a Olimpíada de Atenas e tenho certeza de que, sobretudo neste contexto, haverá muito entusiasmo na realização do projeto.

Termino, agradecendo à Professora Sandra, autora do projeto inicial, e a todos os Professores da 1ª e 2ª séries, que dele vêm participando, pelo empenho e dedicação.

Paulo Nascimento

Coordenador de Educação Física



MATEUS COSTA DE MATTOS COM O PROJETO “TAÇA”



ETC

P

lantas, animais, água em abundância, tudo vive e se renova dia a dia no Parque do Caraça. É uma semente desse patrimônio natural, também símbolo vicentino no Brasil, percorreu centenas de quilômetros para dar frutos no Rio de Janeiro. Fundado em 1959 para continuar, em terras cariocas, a missão do Caraça, o Colégio São Vicente de Paulo mantém viva essa ligação e trabalha para resgatar sua memória e divulgar a exuberância natural na reserva e seu entorno.

O Caraça no São Vicente; o São Vicente no Caraça

Em abril deste ano, o diretor do São Vicente, Pe. Lauro Palú, inaugurou uma exposição fotográfica no Museu do Caraça, que mostra com imagens e textos belas e importantes paisagens do parque. Em breve, as fotos vão seguir para municípios vizinhos à reserva, ajudando a propagar a mensagem de preservação e valorização da natureza caracence. Aqui pelas bandas do Rio, a Família Vicentina já teve oportunidade de conferir essa e outras mostras das fotografias do Caraça.



A presença do CSVP no Caraça também se dá por freqüentes excursões de alunos e professores do Colégio ao parque. Este ano, três grupos da Escola visitaram a reserva e outros três já estão agendados até o fim do ano. Depois que um incêndio destruiu o Seminário, em 1968, é por meio deste contato dos alunos com a natureza e a história da região que o Caraça readquire sua vocação de educar. “Os alunos do Caraça, atualmente, são os turistas atentos e curiosos, que aprendem o que aprendíamos antigamente, nos bancos do Colégio e do Seminário. Eles levam essas aulas para casa, comentam com seus filhos e amigos, trazendo mais visitantes ao parque”, afirma Pe. Lauro.

De reserva particular a Patrimônio da Humanidade

A preservação da reserva do Caraça e sua divulgação por meio das visitas e das exposições de foto do diretor do São Vicente têm atraído para o parque a atenção de pesquisadores. Com autorização do Ibama e outros órgãos ambientais, eles estão catalogando espécies da fauna e da flora – muitas ainda desconhecidas –, analisando os recursos hídricos e realizando pesquisas minerais e geológicas nas grutas e formações rochosas. Os resultados das primeiras pesquisas foram tão promissores que



de hoje



deram origem a um movimento para transformar o parque, que já é Reserva Particular do Patrimônio Natural, em Patrimônio Natural da Humanidade.

Por esses estudos, já se comprovou a presença no Caraça de 288 espécies de aves e 65 de mamíferos, sete deles, primatas. Besouros são mais de 500 espécies, de vários tamanhos e cores, sendo cerca de 200 endêmicas ou exclusivas do parque. As borboletas, que sempre foram um espetáculo à parte para os turistas, também são agora objeto de pesquisa. Num breve período na reserva, um entomólogo de Curitiba descobriu três espécies até então desconhecidas pela ciência. Das fotos do Pe. Lauro e da memória dos visitantes, a exuberância natural do Caraça começa a sair para ganhar espaço nos livros científicos e no seletivo grupo das reservas que pertencem a toda a humanidade.

O sucesso dos primeiros estudos e a alegria dos visitantes que saem do parque são uma felicidade para toda a Família Vicentina. Porém, manter viva a memória do Caraça é uma missão permanente. A natureza que foi berço do Colégio São Vicente continua viva tanto aqui quanto nas montanhas de Minas Gerais e convida a todos para um espetáculo de cores, formas e muito conhecimento. Na semente, somos todos caracences. ■



O que significa ser um Patrimônio Natural da Humanidade?

Segundo a Unesco, para ser considerado um Patrimônio Mundial, um sítio deve ter “valor universal excepcional”. No caso de um Patrimônio Natural da Humanidade, é preciso que ele apresente enorme riqueza em biodiversidade, ótimo estado de conservação da configuração original da área e valor estético singular. O reconhecimento de uma área como Patrimônio Natural da Humanidade significa que ela é importante para todos os seres humanos e, por isso, passa a ter acesso a linhas especiais de financiamento que ajudem em sua preservação. A inclusão de uma área na lista de Patrimônio Mundial não deve ser entendida como prêmio, mas como compromisso.

Quando um país inscreve uma área de seu território como candidata a Patrimônio da Humanidade, se compromete com sua conservação, instituindo leis e medidas específicas. Caso a inscrição seja aceita, cabe à Unesco transferir recursos do Fundo do Patrimônio Mundial, cooperação técnica e treinamento de profissionais que auxiliem na preservação. Uma vez concedido o título, vale lembrar que ele pode ser revogado, caso não sejam respeitadas as normas de conservação instituídas pelo Comitê do Patrimônio Mundial.



notas

PAIS E FILHOS UNIDOS PELA MÚSICA

Repetindo o sucesso de outras edições, foi realizada no sábado, dia 20 de março, mais uma Manhã Musical, evento no qual Alunos de 3ª à 7ª série se apresentam tocando ou cantando junto com seus Pais.



TROCA DE LIVROS: TODOS SAEM GANHANDO

A primeira experiência de troca de livros escolares no CSVP foi feita com os Pais, no final do ano passado. A segunda foi realizada de 9 a 20 de fevereiro, com os Alunos. A idéia é que livros que integram seguidamente a lista de material possam ser reaproveitados. Dessa forma, Alunos que trouxeram livros a serem usados por seus colegas em 2004 ganharam tíquetes para trocar por outros. Houve Pais que chegaram a economizar mais de R\$200 na aquisição dos livros escolares de cada filho. Além disso, muitos livros recolhidos estão sendo doados para, entre outras, a Biblioteca São Vicente de Paulo, da Creche Primeiros Passos, em Acari, e para a Comunidade Chico Mendes. Com o sucesso da iniciativa, fica a lembrança para que os Alunos tenham cuidado com o seu material e que os Pais estejam atentos para a realização da próxima troca.

PASSEIO DE INTEGRAÇÃO: COMEÇANDO O ANO COM O PÉ DIREITO

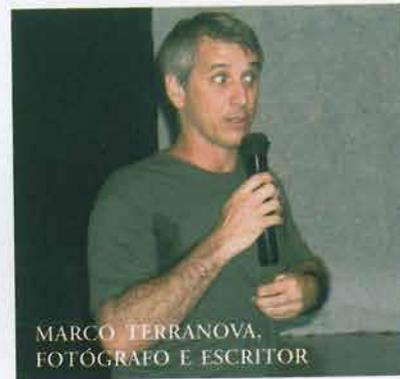
Integrar Alunos e Professores. Esse é o objetivo de um passeio realizado todo início de ano pelo Colégio. Este ano, o passeio aconteceu no dia 13 de março e o destino de Alunos de 3ª a 6ª série foi o Sítio Lonier, em Vargem Pequena. Lá todos puderam desfrutar de muitas atrações, participar de um almoço festivo e gostoso e manter um agradável contato com a natureza.

RÁDIO BRASIL: UM SHOW DE MPB

O coral do Ensino Médio, apresentou no Colégio, no dia 3 de abril, o espetáculo Rádio Brasil: Nossa Música Brasileira Popular. A platéia, que praticamente lotou o auditório, acompanhou animadamente a performance dos Alunos. Completando a programação, apresentaram-se ainda o coral do Ginásio, o coral São Vicente a Cappella e o coral Amigos do São Vicente.

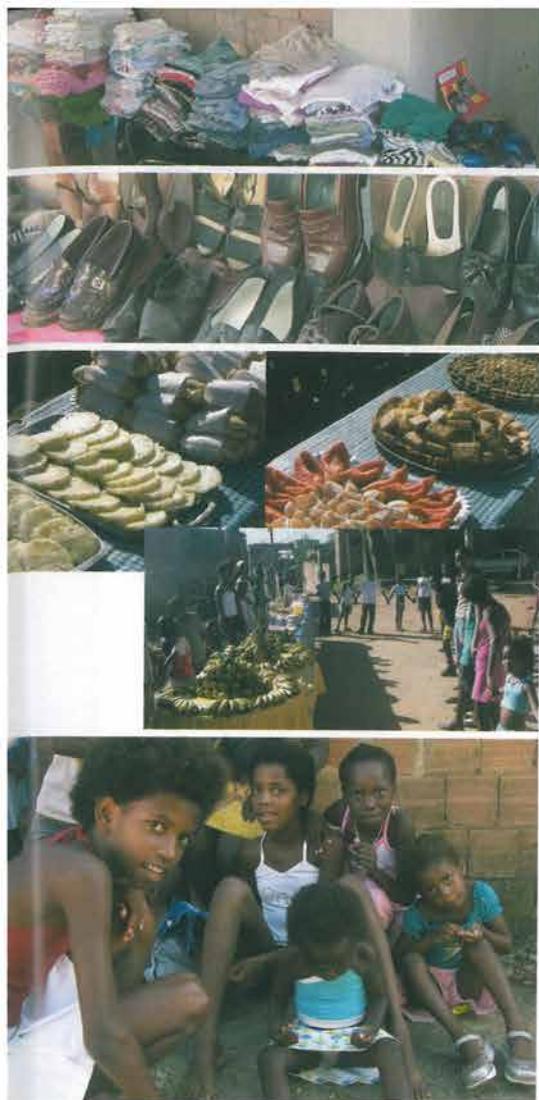
A LINGUAGEM DA FOTOGRAFIA

No dia 14 de abril, como parte do projeto que integra Artes e Português, os Alunos da 8ª série assistiram à palestra do fotógrafo Marco Terranova. A idéia era levar para os Alunos um pouco da experiência de Terranova, que recebeu o Prêmio Esso de Fotografia, em 1999, com a foto "Domingo de pavor", e autor do livro "Montanhas do Rio", que reúne 90 imagens recolhidas em 13 anos de trabalho. Para montar a coletânea, ele precisou, entre outras coisas, ficar dependurado sobre a Baía da Guanabara, voar de helicóptero, subir no ombro do Cristo Redentor, navegar em cargueiros e saltar de parapente. Tudo para registrar, de ângulos inusitados, belos momentos de alpinistas nas montanhas da cidade. Para os Alunos, foi um momento de descoberta e encantamento; para o projeto, um toque de classe.



MARCO TERRANOVA,
FOTÓGRAFO E ESCRITOR





PARABÉNS, ANTONIO MORAES!

Diz o ditado que uma andorinha só não faz verão. Com um pouco de ajuda, no entanto, uma pessoa pode fazer bem a muitas outras. Exemplo do espírito que anima o Projeto Social da Globalização da Caridade, o Funcionário Antonio Moraes (Audiovisual) vem realizando um belo trabalho na comunidade Chico Mendes, para onde leva roupas e brinquedos doados por Alunos, Professores, Funcionários e pelas Voluntárias da Caridade. O trabalho, contudo, não se resume a isso. No dia 17 de abril, também com doações recolhidas no Colégio, ele organizou, na comunidade, um café da manhã para 110 pessoas que, juntas, rezaram um Pai Nosso e desfrutaram de bons momentos de convivência. Segundo Moraes, o próximo objetivo é montar uma biblioteca na comunidade e isso será feito com parte dos livros doados na Escola. Para quem quiser colaborar, ele lembra que a comunidade é extremamente carente e que qualquer ajuda será muito bem recebida.

XI JORNADA PEDAGÓGICA DE ESCOLASRIO

Realizada no dia 17 de abril, a XI Jornada Pedagógica de EscolasRio contou com a participação de 822 Professores do Rio de Janeiro, dentre os quais 27 do São Vicente, que se dividiram entre dois importantes temas. No Colégio São Paulo, em Ipanema, a discussão foi sobre “Alfabetização e Letramento”, com apresentação das professoras Patrícia Corsino e Rita Frangella, doutoras em Educação, e mediação da professora Sandra Calvet. No Colégio Zaccaria, no Catete, o tema debatido foi “Bullying, discutindo o comportamento agressivo na escola”, com apresentação de Lúcia Helena Saavedra, mestre em Psicologia, Marylin de Oliveira, psicanalista e professora, e o do doutorando em Educação e Coordenador Acadêmico do CSVP, Artur Motta.

CSVP DE PORTAS ABERTAS

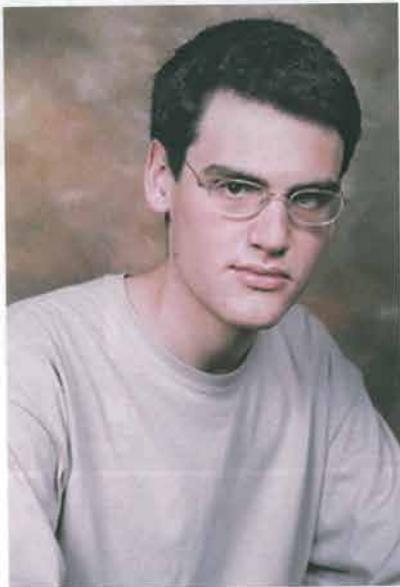
No ano 2000, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) lançou o Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz. A proposta era estimular a abertura das escolas públicas nos finais de semana com atividades de esporte, arte, cultura e lazer, partindo do entendimento da escola como um espaço privilegiado para a implantação de um processo de mudança de atitude e de comportamento dos jovens expostos, ativa ou passivamente, à violência. Foi seguindo esse mesmo princípio que a direção do São Vicente resolveu permitir o uso das quadras fora do horário normal de aula. A idéia é que Alunos e ex-Alunos tragam seus grupos para praticar esportes e se divertir num ambiente seguro, fazendo da Escola um espaço de convívio. “Nós temos dois grandes objetivos nessa iniciativa. Um deles é reintegrar os antigos Alunos do Colégio à comunidade e o outro é proporcionar aos jovens um lazer saudável. Enquanto estão conosco, eles estão longe dos problemas”, explica Pe. Lauro. De acordo com Pe. Agnaldo, diretor administrativo do São Vicente, a experiência é nova e não existem muitos horários disponíveis, mas quem se interessar pode procurar a direção.



GRÊMIOS 2004: TOMAM POSSE AS NOVAS DIRETORIAS

No dia 29 de abril, durante o recreio, com a presença da antiga Diretoria, do Tribunal Eleitoral, do Diretor da Escola, Pe. Lauro, e de membros da Compasso, tomou posse a nova Diretoria do Greco (Grêmio dos Alunos de 8ª série e do Ensino Médio). Eleita com 71% dos votos, a Chapa 1 não teve concorrentes e, no debate, pôde tirar todas as dúvidas e responder, com tranquilidade, todas as perguntas feitas pelos Alunos eleitores. De acordo como o novo Estatuto, aprovado em 2003, a diretoria atuará de forma colegiada, dividindo suas responsabilidades pelas áreas de Comunicação, Cultura, Esporte, Social, Política e Administrativa. Também já tomaram posse as Diretorias do Gregi (de 5ª à 7ª séries) e do Mini-Grêmio, que reúne alunos de 1ª a 4ª série do ensino fundamental.

Formandos 2003



“Antes de sermos nós mesmos, somos CSVP”

Escrever sobre um colégio onde se passou 11 anos da vida talvez fosse uma tarefa difícil. Mas, em se tratando de São Vicente, é prazerosa, pois só boas recordações vêm à cabeça.

E que recordações! Tantas e tão emocionantes que transpô-las para o papel é quase impossível – muito menos com um desenvolvimento canônico de início, meio e fim... Antes, contudo, que os mestres de português entrem em crise, esclareça-se: não, seus esforços não foram em vão! Muito pelo contrário. Desde os cadernos de criatividade do primário – impreterível obrigação das noites de domingos, inevitável tarefa pendente dos finais dos bimestres – até as aulas de modernismo do 3º ano, aprendeu-se a importância do discurso e o valor – por vezes até revolucionário – das palavras. Palavras que incansavelmente foram usadas para questionar o mundo em que se vive – quer seja cientificamente, quer seja humanamente. Questionamentos que, antes de serem respondidos, eram confrontados por outros questionamentos, num processo maiêutico que pouco-a-pouco abriu os olhos daqueles meninos *zona sul* para as realidades brasileira e mundial.

Isso, no entanto, não é algo de que se dê conta ainda no Colégio. Eu só o perceberia uma vez na faculdade, ao notar que muitos entre os futuros operadores do Direito preferem tirar proveito da sociedade a contribuir para ela. Se eu e meus amigos somos diferentes, devemos isso à nossa educação. Destarte, antes de sermos nós mesmos, somos CSVP. ■

Guilherme Augusto Van Hombeek
Ex-aluno do CSVP, que concluiu o 3º ano do EM em 2003

“Quem poderia imaginar que iria acabar tão de repente?”

Quando terminei o CA, o São Vicente foi a minha escolha de colégio: muitos dos meus amigos iam para lá, o meu irmão já estudava lá... foi uma escolha simples e certa. Quem poderia imaginar que seria tão bom?! E que iria acabar tão de repente?

Falar da minha experiência no CSVP é muito complicado, afinal, foram 11 anos! Foi lá que eu cresci, aprendi, amadureci... Contarei a minha experiência mais marcante. Do 1º para o 2º ano do ensino médio, uma turma é desfeita e misturada com as outras. A minha foi a escolhida. Obviamente, eu não queria, havia na turma pessoas que eu conhecia desde o jardim! Mas estava fora do meu controle. A maioria dos meus amigos foi para outra turma. Eu entrei em desespero: como passar pela fase mais difícil da minha vida acadêmica sem eles do meu lado? Consegui. Passei no vestibular, para a UFRJ. Agora eu vejo essa experiência como algo positivo. Primeiro, porque não sei se prestaria tanta atenção nas aulas com eles do meu lado; segundo, fiz novas amizades maravilhosas e; terceiro, e talvez mais importante, percebi que não é uma mudança de sala ou de faculdade que vai fazer com que a nossa amizade acabe, pelo contrário, serve para marcar o quanto ela é importante e especial para cada um de nós.

Esse episódio me deu força e coragem para enfrentar o que vinha pela frente: a saída do Colégio. E sei que, apesar de não estarmos juntos, sempre vou poder contar com os meus amigos para me dar um abraço quando eu estiver precisando e para sorrir comigo quando a alegria invadir o meu coração, assim como estarei aqui, sempre à disposição deles. ■

Clarice Medeiros
Ex-aluna do CSVP, que concluiu o 3º ano do EM em 2003



3º A

Allegra Vasconcellos Ceccarelli • Ana Carolina Reis de Athayde • André Gamerman • Antonio Pedro Sette Pinheiro • Bruno Macchiute Neves de Oliveira • Caroline Costa de Souza • Daniel Heilbron Chrispim • Deborah Cristina Cavalcanti Castor • Elisabete Blanco de Amorim • Felipe Bezerra Leusin de Amorim • Fernanda Aucar França • Fernando Bicalho Macieira de Sousa • Flávia de Abreu Lisboa • Gustavo Felício Serra • Gustavo Katz Braga • Isabela Leite Barcellos • Joana Luz Silva • Julia Caldas de Almeida Heilborn • Júlia Vega Miziara • Juliana Maiolino de Queiroz • Laura Couto Peiter • Leonardo Caiaffo Ferreira • Lívia Mendes Senna • Lucas Gutiérrez Mendes • Luiza Maia de Castro • Maria Fizon Cerqueira • Mariana Sanches Lopes Vianna • Marina Segre Levy • Miguel Tati Nóbrega • Nana Vasconcelos Orlandi • Natalia Loureiro Parahyba • Rafael Ventura Abreu • Samara Louzada Farias • Susi Locatelli Fromer



3º B

Bernardo Leite Barcellos • Daniel Lemos Tavares • Felipe Lhamas Heitmann • Isabel Bellezia dos Santos Mallet • Janaína do N. Villas-Bóas Pinto • Jonas Delecave de Amorim • Jonas Louzada de Carvalho • Leandro Macedo Tavares • Leticia Rodrigues Xerez • Lucas Oliveira Portella • Luis Filipe Meger Crestana • Marcelo Castello Branco Sant'anna • Marcelo Lopes de Albuquerque • Maria Clara Rodrigues do Amaral • Maria de Cezar Mello e Silva • Mariana Saadi Tozatto • Marina Corrêa Oliveira da Silva • Pedro Antonio Sarno Bomfim • Pedro Carneiro Silva • Pedro Victor P. Brandão R. Cardoso • Priscila Godoy Vicente • Rafael Basile • Rafael Domingues Lenz Cesar • Raul Torres Branco • Renan Pires Souza Vianna de Oliveira • Renata Marques Toews Parra • Renata Nunes de Araujo Fonseca • Roberto dos Santos Bueno • Silvia Paquelet Pereira • Simone Vieira Cupello • Sylvia Centola Lamori



3º C

Alexandre Tourinho Zonis • Alice Varela Tepedino • Alluana Ribeiro Barcellos Borges • André de Gouveia Miranda • André Dias Arany • Anna Bastos Faria • Caio de Almeida Simas • Carlos Henrique de Souza Levinho • Carolina Q. Pereira Dantas de Mello • Christiano Costa Benedicto Ottoni • Clarice Medeiros • Daniel Fernandes Obino • Debora Fernandes de Melo Itida • Débora Gusmão Pinheiro de Barros • Eduardo Guilherme Santos de Castro • Estevão Bandeira de Mello Alves da Silva • Fernanda Correia de Oliveira • Gabriela Goes Nahar • Gabriela Lorenzo-Fernandez Koatz • Guilherme Augusto Velmovitsky Van Hombeeck • Gustavo Cabeda Haag • Henrique Rapizo Gomes • Hugo Henning Kussama • Juliana Scofano Barrabin • Leonardo Lopes de Lima Salek • Luis Eduardo Dias Gaui • Luiza Senra Pereira • Manoel Teixeira Lage • Mariana Anachoreta Duprat • Mariana Leitão da Cunha Machado • Sálua Avellar Sarquis Aiex • Yuri Fahham Saporito



CSVP: 45 anos

Caro Padre Lauro Palú,

É com elevada honra que dirigimo-nos a nossa Comunidade Vicentina para parabenizá-la, através do senhor, pela comemoração, no dia 30 de março, dos 45 anos deste Colégio, que frutifica a cada dia, somando ideais, multiplicando ações e compartilhando essas bênçãos na orientação e formação de nossos filhos, que esperamos em Deus, também espalhem essas sementes nos diferentes cantos de nossa sociedade, transformando e mantendo vivos e firmes os princípios que nortearam a trajetória de São Vicente de Paulo. Manifestando a imensa e sincera alegria de nossa Família fazer parte dessa Instituição, oramos a Deus para que continue a iluminar o senhor, Padre Lauro, e todo corpo de Educadores, na condução de nossos Jovens e Crianças.

Muito carinhosamente,
*Joaquim Almeida, Silvia Almeida,
 Guilherme Almeida, Henrique
 Almeida, Rodrigo Almeida e Marcela
 Almeida*

FEIRA DO TRABALHO

Para o eternamente querido por mim SOP/SOE,

Gostaria de dizer que a iniciativa de fazer uma mesa redonda com ex-alunos para contar suas experiências foi algo delicioso para mim. Falar para Alunos interessados na área artística e poder ouvir suas dúvidas e inseguranças me lembrou que há apenas um ano e pouco eu estava nesse mesmo lugar.

É incrível, pois eu mudei muito mesmo desde esse tempo. Mas é sempre bom falar sobre o que passamos, principalmente para Alunos que se mostram interessados. Isso me abriu portas para falar coisas que há muito tempo eu queria dizer e ser ouvida, principalmente sobre o preconceito com a minha área. Isso é algo com que eu



CARTA ELOGIA OS PAINÉIS COM EX-ALUNOS, REALIZADOS NA FEIRA DO TRABALHO (VER PÁGINA 20)

convivo desde o primeiro dia em que decidi fazer moda, mas que tem tudo para acabar logo, principalmente se depender de vocês. Também me ajudou a lembrar o quanto amo a carreira que escolhi e o quanto a minha faculdade é maravilhosa, apesar dos defeitos.

Bom, resumindo: adorei estar de novo no São Vicente. Estarei sempre disposta a fazer parte de iniciativas como essa, pois é isso que faz a alma desse Colégio ser única.

Mil beijos,

Talita Nehab Hess

DOAÇÃO DE LIVROS

Prezado Padre Palú,

Já tentei muito falar com o senhor por telefone. Ligo, as pessoas atendem e, por mais que se diga que é de Belém, de longe, o telefonema vai passando de um para outro, a gente cansa de esperar, o tempo vai correndo, e desligamos porque nada se consegue. É pena, porque gostaria muito de ter falado pessoalmente com o senhor. Não consegui, paciência. Então, diante do exposto, resolvi enviar-lhe este fax, esperando que ao menos a máquina coopere conosco.

O assunto que iria tratar com o senhor é o seguinte. No dia 2 deste mês, tivemos uma agradável surpresa ao receber as oito caixas de livros que nos enviou para o Colégio de Baião. O meu telefonema tinha como

finalidade agradecer-lhe pessoalmente. Como não foi possível, receba os meus, os nossos agradecimentos através deste fax.

No dia seguinte, telefonei para a Irmã Rosilda – Diretora do Colégio – que, imediatamente, tomou um ônibus, por uma estrada em péssimas condições, levando sete horas de viagem para chegar a Belém. Ela está com medo de levar os livros de ônibus por horas de viagem, de Belém a Baião. Mesmo sem ter aberto ainda as caixas, ela ficou muito alegre com a oferta e manda agradecer em nome de todos que fazem parte do Instituto Imaculada Conceição, de Baião.

Como o senhor pode observar, Padre Lauro, nesta Província Missionária pobre e difícil, onde lutamos quase sempre “contra ventos e marés”, tudo que vem é recebido com muita gratidão e alegria. Com certeza, com sua oferta, a Biblioteca do Colégio Baião será bem mais enriquecida, permanecerá mais atualizada, e os Professores e Alunos terão mais fontes para estudos e pesquisas. Mais uma vez, nosso grande agradecimento por tudo.

Desejo-lhe, e a todos que formam o grande Colégio São Vicente, uma Santa e fervorosa festa de Páscoa. Que a alegria, a Luz e a Força emanadas do Ressuscitado sejam constantes na vida de todos.

Fraternalmente, em Cristo e São Vicente,

Irmã Eleni Bezerra

Visitadora da Província da Amazônia das Filhas da Caridade

A Via Crucis da Água*

1ª Estação: Gênese (A Criação)

“Disse também Deus: ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar. E assim se fez. Ao ajuntamento das águas, Deus chamou mares” (Gênesis, 1 9-10)

2ª Estação: Êxtase (Fontes)

Bica da Rainha: “Da sua bica não jorra mais água alguma”. (Joselita, Sebastiana Cândida e Elisane, T.11)

3ª Estação e 4ª Estação: Beleza e Encantamento

“Quando vimos aquele mar enorme, com toda a sua beleza, me lembrei do sertão tão seco. Por que uma gotinha do mar não transforma nosso sertão tão sofrido?” (Maria, Lindalva, Patrícia e Afilton, T.12)

5ª Estação: Amor

“Uma pessoa não consegue mudar o mundo, mas faz diferença”. (Genilma, T. 41)

6ª Estação: Delicadeza

“Delicadeza é tocar na grama molhada do sereno e agradecer a Deus por mais um dia de vida”(Andréia, T. 31)

7ª Estação: Descaso

“Descaso foi o que eu vi em Paquetá: praias sujas e poluídas. Devemos ter mais cuidado com o meio ambiente”. (Ronivaldo, T. 41)

8ª Estação e 9ª Estação: Violência e Poluição

“Mauá, lugarejo pequeno, não tem um ar saudável. As praias são muito poluídas, sujas, cheias de esgoto a céu aberto, lixo e óleo. No Manguezal, a violência [contra a natureza] é bem visível. Assim, não tem como os caranguejos que lá vivem se reproduzirem”. (Maria Carvalho, T.51)

10ª Estação e 11ª Estação: Canalização e Enchentes

12ª Estação: Degradação

“Água que move os moinhos da saudade. No passado, limpas como um cristal. Hoje, impuras, trazendo o mal. Deus nos deu algo sagrado. Nós não estamos sabendo preservar a beleza desse cristal”. (Simone Oliveira, T. 71)

13ª Estação: Apocalipse

14ª Estação: Morte

“Se o rio falasse diria: ‘Perdoe-me, pois não posso mais dar de beber a nenhum ser, porque minhas águas estão poluídas. Perdoe-me também porque não posso mais alimentar nenhum ser, pois os peixes morreram e o meu leito não é mais próprio para se caminhar, pois está cheio de lixo. Tudo por causa do homem’. Mas também diria: ‘Perdoe esses homens, pois eles não têm o que nós temos, a vida em seus corações” (Rodrigo Santos, T.71).

15ª Estação: Redenção

ALUNAS DA T.61 – AURINETE, ELIZANGELA, AURENICE, ROSINEI E ÉRICA – DURANTE A MONTAGEM DO TRABALHO



TEREZINHA, MARIA ALICE, SÔNIA, CLAUDENES, CLÁUDIO E ELAINE (PROFESSORES DA EJA)



ALUNAS: HELENA, ELIENE, SANDRA E SIMONE (T.51)

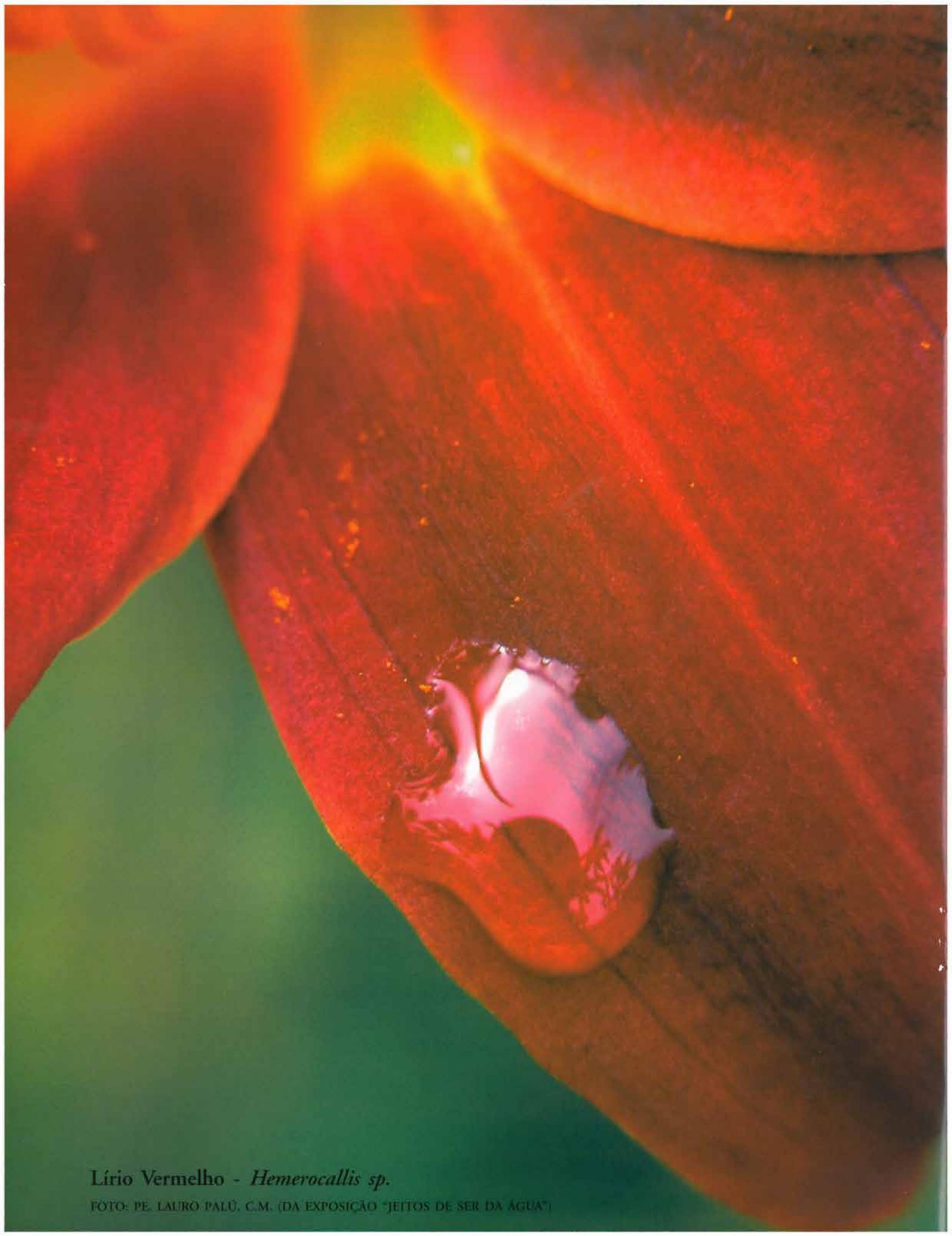


PROFESSORA ROSINHA (CIÊNCIAS) E ALUNAS DAS TURMAS 71 E 81 DURANTE A MONTAGEM DA 13ª ESTAÇÃO (APOCALIPSE)

AS ALUNAS LAUDICÉIA, NAZARÉ E GENILSA, MOSTRANDO A IMPORTÂNCIA DA RECICLAGEM.



* Projeto-Integrado da EJA para a Feira de Linguagens (página 21).
Fotos: Professor Cláudio



Lírio Vermelho - *Hemerocallis* sp.

FOTO: PE. LAURO PALÙ, C.M. (DA EXPOSIÇÃO "JEITOS DE SER DA ÁGUA")